



UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



PAULO ROBERTO RITTER

**OS PESCADORES DA PRAIA DO PAQUETÁ (CANOAS/RS): ENTRE COTIDIANO
E MEMÓRIA**

CANOAS, 2016

PAULO ROBERTO RITTER

**OS PESCADORES DA PRAIA DO PAQUETÁ (CANOAS/RS): ENTRE COTIDIANO
E MEMÓRIA**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientação: Dr^a. Cleusa Maria Gomes Graebin

Co-orientação: Profa. Dra. Maria Luiza Berwanger da Silva

CANOAS, 2016

PAULO ROBERTO RITTER

**OS PESCADORES DA PRAIA DO PAQUETÁ (CANOAS/RS): ENTRE COTIDIANO
E MEMÓRIA**

Dissertação apresentada à banca examinadora do
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e
Bens Culturais do Centro Universitário La Salle –
Unilasalle, como requisito para a obtenção do título
de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Aprovado pela banca examinadora em ____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin
UNILASALLE

Profa. Dra. Tamára Cecília Karawejczyk
UNILASALLE

Profa. Dra. Maria Luiza Berwanger da Silva
UNILASALLE

Prof. Convidado
(INSTITUIÇÃO)

*Na antevéspera das idas para o Paquetá,
As noites eram de sonos perdidos,
De ansiedades infantis,
De uma inquietação,
Que impedia aqueles meninos,
De dormir com o devido valor,
A alma se impregnava de territórios inimagináveis,
De aventuras febris,
No leito inquieto,
Viajava-se nas distancias do outro dia,
Como se esperava, a velocidade do próximo amanhecer,
Pois era o dia de banhar-se e divertir-se nas águas do Paquetá [...]*
(PAULO RITTER, 2016).

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer especialmente minha mulher Lucimar Menezes;

A Juliana Reyes por toda dedicação e apoio logístico;

A Sandra Graciano pela transcrição das entrevistas;

A Silvia Soares que está ajustando na lógica acadêmica;

A amiga Heloisa Carneiro pelas dicas;

A toda minha equipe do mandato pela paciência para comigo e incentivo;

A secretária do lar Tatiene Moura Lima que acompanhou esta aventura;

A Dra. Sandra R. Facco S. Maiorli é o Nutricionista Carlos Lampert Filho pelo incentivo;

A todos os professores do mestrado Profissional em Memória e Bens Culturais do Unilasalle;

A minha co-orientadora Dra. Maria Luiza por compreender a "forma da escrita" da proposta do trabalho;

A minha orientadora Dra. Cleusa Graebin que soube sabiamente compreender minhas fragilidades e orientar com clareza e persistência;

A todos os pescadores artesanais da Praia do Paquetá pelas lições do seu cotidiano e a gentileza em nos acolher.

"Todos nós estamos matriculados na escola da vida, e o tempo e o nosso mestre".

Cora Coralina

RESUMO

O presente estudo tem como tema, pescadores artesanais que habitam a Praia do Paquetá, um pequeno povoado que integra o Bairro Mato Grande, na cidade de Canoas, RS. O trabalho insere-se na linha de pesquisa “Memória, Cultura e Identidade”, do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais – do Unilasalle Canoas. Como objetivo buscou-se examinar o modo de vida dos pescadores da Praia do Paquetá, a partir da compreensão do seu cotidiano. A partir da dissertação foram elaborados dois produtos, a fim de atender as exigências de um mestrado profissional, a saber: um ensaio visual sobre o cotidiano dos pescadores e exposição itinerante que percorrerá escolas das redes pública e privada do Município de Canoas (RS). Teoricamente, o estudo foi apoiado nas concepções sobre o cotidiano de Michel Maffesoli e metodologicamente trabalhou-se com História Oral. Como resultados tem-se que os laços familiares que integram os pescadores no seu cotidiano, fortalecem o estar juntos, o estilo de vida e o fazer com arte no seu desejo comum e quase lúdico de continuarem a serem pescadores e exercerem este ofício, apesar de todos os condicionamentos econômicos ou os da natureza, em uma cidade eminentemente urbanizada e industrial.

Palavras-chave: Pescadores artesanais. Praia do Paquetá. Memória. Cotidiano. História Oral.

ABSTRACT

The present study had as its theme, fisherfolk inhabiting the Paquetá Beach, a small village that is part of the neighborhood Mato Grande, in the city of Canoas, RS. The work is part of the line of research "Memory, Culture and Identity", the Graduate Program in Social Memory and Cultural Heritage - the Unilasalle Canoas. The objective we sought to examine the way of life of Paqueta Beach fishermen, from the understanding of their daily lives. From the dissertation were prepared two products in order to meet the requirements of a professional master, namely: a visual essay on the daily lives of fishermen and traveling exhibition that will visit schools of public and private networks of Canoas Municipality (RS). Theoretically, the study was supported in conceptions about the daily life of Michel Maffesoli and methodologically worked out with Oral History. As a result we have that family ties that comprise the fishermen in their daily lives, strengthen togetherness, lifestyle and make art in their common desire and almost playful to continue to be fishermen and exercise this office, despite all the economic constraints or the nature in a highly urbanized and industrial town.

Keywords: Artisanal fishermen. Beach Paqueta. Memory. Daily. Oral History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Reprodução de Mapa com localização da Praia do Paquetá, Canoas-RS.....	11
Quadro 1 – Relatório Socioeconômico.....	13
Quadro 2 – Pesquisas realizadas sobre pescadores da região do Delta do Jacuí (RS).....	22
Quadro 3 – Colaboradores da pesquisa.....	40
Quadro 4 – Elementos da análise interpretativa para relatos orais.....	42
Quadro 5 – Fluxograma sintético da análise interpretativa.....	43
Figura 2 – Cena de um cotidiano de um pescadores limpando peixe.....	59
Figura 3 – Pescadores revisando as redes para pescar.....	59
Figura 4 – Chegada dos pescadores do acampamento.....	60
Figura 5 – Trinta quilos de peixes, resultado de uma pescaria.....	61
Figura 6 – Grupo na chegada do acampamento recolhendo seus materiais.....	61
Figura 7 – Limpeza dos peixes à beira do rio.....	62
Figura 8 – Pescador fazendo a manutenção de sua rede.....	62
Figura 9 – Barcos ancorados com material de pesca.....	63
Figura 10 – Um dos objetos que o rio devolve para a praia.....	64
Figura 11 – Residências adaptadas diante as cheias que ocorrem anualmente.....	64
Figura 12 – Beleza natural na moradia de um pescador.....	65
Figura 13 – Residência de um pescador.....	65
Figura 14 – Galpão da casa de um pescador com seus utensílios de trabalho.....	66
Figura 15 – Rua tomada pela enchente.....	67
Figura 16 – Cuidado com os animais domésticos durante as cheias.....	68
Figura 17 – Exame médico de rotina improvisado junto aos ribeirinhos.....	68
Figura 18 – Espaço de lazer tomado pela enchente.....	69
Figura 19 – Projeto pescando lixo, em tempos de piracema.....	70
Figura 20 – Barco de pescador recebendo combustível para participar do Projeto “Pescando o Lixo”.....	70
Figura 21 – Pescadores se reunindo e colocando o barco na água.....	71
Figura 22 – Bar do pescador Miro, uma das estratégias de sobrevivência.....	72
Figura 23 – Estabelecimentos comerciais.....	72
Figura 24 – Estabelecimentos comerciais.....	73
Figura 25 – Morador chegando com a coleta de capim das ilhas.....	74
Figura 26 – Outro meio de sobrevivência são aluguéis de espaço para barcos de	

visitantes.....	74
Figura 27 – Pescadores preparam iscas na beira do rio.....	75
Figura 28 – Crianças no espaço de recreação na beira do rio.....	76
Figura 29 – Trapiche próximo a santa.....	76

SUMÁRIO

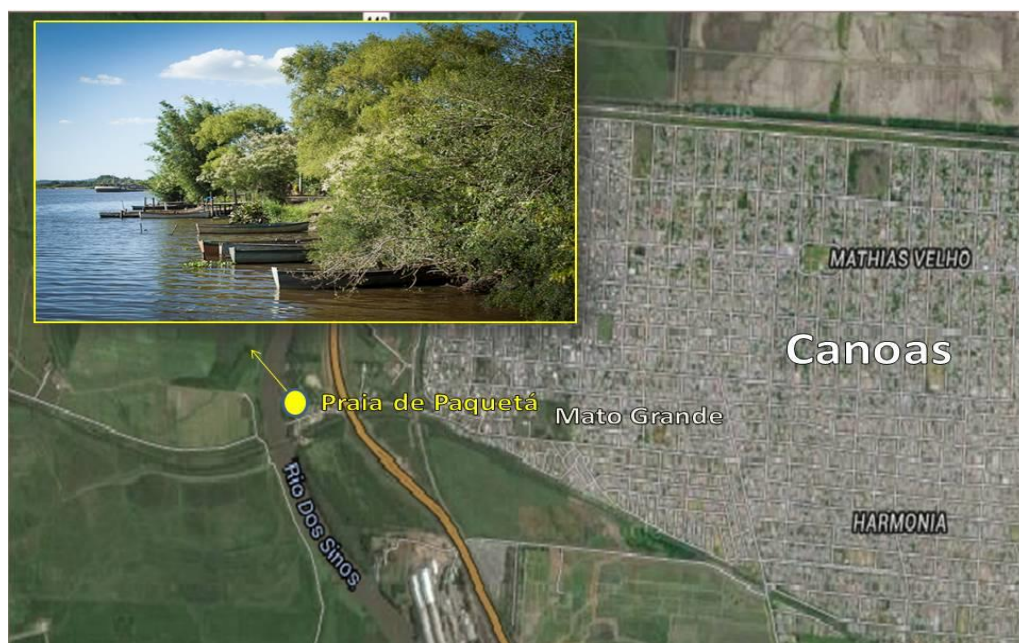
1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	Problemas de pesquisa.....	14
1.2	Objetivos.....	14
<i>1.2.1</i>	<i>Objetivo Geral.....</i>	<i>14</i>
<i>1.2.2</i>	<i>Objetivos Específicos.....</i>	<i>14</i>
1.3	Justificativa.....	15
1.4	Organização do trabalho final.....	16
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	17
2.1	Sobre pesca e pescadores.....	17
2.2	Pesca artesanal.....	19
2.3	Pescadores e algumas abordagens.....	22
3	MARCOS TEÓRICOS.....	27
3.1	Cotidiano.....	27
3.2	Memória.....	32
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	35
4.1	Pesquisa Qualitativa.....	35
4.2	Revisão Bibliográfica.....	36
4.3	A História Oral.....	33
<i>4.3.1</i>	<i>A formação da colônia.....</i>	<i>37</i>
4.4	O trabalho com as entrevistas e a análise.....	40
4.5	Ensaio visual sobre o cotidiano dos pescadores da Praia do Paquetá.....	43
4.6	Exposição itinerante “Cotidiano dos pescadores da praia do Paquetá”.....	44
5	VIDA COTIDIANA DOS PESCADORES DA PRAIA DE PAQUETÁ: OS FIOS QUE LIGAM AS MEMÓRIAS.....	45
5.1	Cotidiano familiar: estar junto, estilo de vida e fazer com arte.....	46
<i>5.1.1</i>	<i>Estar junto.....</i>	<i>46</i>
<i>5.1.2</i>	<i>Estilo de vida.....</i>	<i>47</i>
<i>5.1.3</i>	<i>Fazer com arte.....</i>	<i>49</i>
5.2	Cotidiano do trabalho: estar junto, estilo de vida e fazer com arte.....	50

5.2.1	<i>Estar Junto.....</i>	51
5.2.2	<i>Estilo de Vida.....</i>	52
5.2.3	<i>Fazer com Arte.....</i>	55
6	ENSAIO VISUAL.....	57
6.1	Maffesoli e as liberdades relativas.....	58
6.1.1	<i>Cotidiano dos Pescadores.....</i>	58
6.1.2	<i>A estética do morar à beira de um rio.....</i>	64
6.1.3	<i>Cotidiano das cheias.....</i>	66
6.1.4	<i>Nos tempos de Piracema.....</i>	69
6.1.5	<i>Outras estratégias de sobrevivência.....</i>	71
7	EXPOSIÇÃO ITINERANTE “COTIDIANO DOS PESCADORES DA PRAIA DO PAQUETÁ”.....	78
7.1	Apresentação.....	78
7.2	A Praia do Paquetá e seus pescadores.....	78
7.3	A linguagem expográfica.....	79
7.4	A exposição itinerante “Cotidiano dos Pescadores da Praia do Paquetá”..	80
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
	REFERÊNCIAS.....	87
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	94
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –	
	IMAGENS.....	96

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema pescadores artesanais¹ que habitam a Praia do Paquetá, um pequeno povoado que integra o Bairro Mato Grande na cidade de Canoas, RS. A Praia se localiza à margem esquerda do Rio dos Sinos, na região sudoeste do município (ver localização na Figura 1).

Figura 1 – Reprodução de Mapa com localização da Praia do Paquetá, Canoas-RS



Fonte: Adaptado do Google Earth. A fotografia é de Furquim, Sul 21, 2010.

Por meio de relatos de antigos moradores locais, a Praia do Paquetá era chamada de Estância Nova e onde se localiza atualmente, era denominado de Rondinha, um banhado com muitas árvores de porte médio que depois passou a ser roça de pasto. Silva informa que “o senhor Manuel salientou que o proprietário das terras era Adolfo Trevo Balduim e os invasores começaram a construir, aleatoriamente, casinhas e mais casinhas, hoje ninguém é dono de nada, somente ele [Manuel] possui escritura do terreno onde reside” (2003, p. 26).

A Praia de Paquetá é considerada ponto de veraneio desde 1874, quando os primeiros moradores chegaram ao município e passou a ser estimulada como área de lazer a partir de 1885, quando o major Vicente Ferrer da Silva Freire vendeu os primeiros lotes de chácaras adquiridos por porto-alegrenses que a transformaram em aprazível lugar de veraneio (GRAEBIN, PENNA, 2006). Atualmente (2016), de acordo com a Prefeitura Municipal de

1 Doravante denominados neste trabalho como pescadores.

Canoas, durante o verão, cerca de mil pessoas circulam aos finais de semana, na Praia do Paquetá.

Essa região está integrada ao Parque Estadual Delta do Jacuí (PEDJ)², uma das maiores Unidades de Conservação (UC) do Estado, situado na Região Metropolitana de Porto Alegre e abrangendo os municípios de Eldorado do Sul, Nova Santa Rita, Canoas, Triunfo, Charqueadas e Porto Alegre. O PEDJ é um complexo hídrico composto pelos rios Caí, Sinos, Gravataí e Jacuí, que constituem o Lago Guaíba. Junção esta que dá origem a um arquipélago composto por 19 ilhas e áreas continentais. Esses espaços são dotados de atributos abióticos e bióticos, estéticos e culturais importantes para a qualidade de vida das populações, que visam a proteger a biodiversidade, disciplinar a ocupação humana e garantir a sustentabilidade dos recursos naturais (FACHINELLO, 2012).

Da infância, o autor deste trabalho traz a lembrança da espera pelos momentos de visitar a Praia, pois “[...] era o dia de banhar-se e divertir-se nas águas do Paquetá, como era sereno aquele leito do Rio, e possível imaginar, que naqueles tempos haviam águas sem placas de muitos avisos, de balneabilidade daquela praia! [...]” (RITTER, 2016).

Entre as atividades econômicas que mantém as famílias do local estão a pesca, a reciclagem e na estação do verão, o comércio de bares é mais explorado, pois a Praia do Paquetá recebe um grande número de visitantes em busca de lazer. Outra parte da população utiliza a área apenas como alternativa de moradia obtendo sua renda em empregos fora do local.

Os ribeirinhos estão organizados junto a Associação de Moradores e Pescadores (AMP), fundada em fevereiro de 2001, vinculados à Colônia de Pescadores Z5 de Porto Alegre /RS e da União de Associação de Moradores de Canoas (UAMCA). O Presidente da AMP, Paulo Denilto, instalou-se em 1991 na Praia do Paquetá, como morador definitivo, com objetivo de transformar a cultura assistencialista, ao modo de perceberem a ajuda do Estado ou da sociedade, para a ideia de viverem do seu trabalho e com dignidade.

²De acordo com a Lei Estadual 12.371 de 11 de novembro de 2005. Disponível em <http://www.legislacao.sefaz.rs.gov.br/Site/Document.aspx?inpKey=107942&inpCodDispositive=&inpDsKeywods=> Acesso em 24/04/2015. DECRETO Nº 44.516, DE 29 DE JUNHO DE 2006. Regulamenta a LEI Nº 12.371, de 11 de novembro de 2005, que cria a Área de Proteção Ambiental APA - Estadual Delta do Jacuí e o Parque Estadual Delta do Jacuí, e dá outras providências. Disponível em http://www.al.rs.gov.br/Legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=49819&hTexto=&Hid_IDNorma=49819 Acesso em 23/04/2015. O Parque Estadual Delta do Jacuí (PEDJ) é uma das maiores Unidades de Conservação do Estado. Foi criado em 14/01/1976, através do Decreto Estadual nº 24.385 e tiveram seus limites redefinidos através da Lei Estadual nº 12.371 de 11/11/05. Está situado na Região Metropolitana de Porto Alegre abrangendo os municípios de Eldorado do Sul, Nova Santa Rita, Canoas, Triunfo, Charqueadas e Porto Alegre. É um complexo hídrico formado pelos rios Caí, Sinos, Gravataí e Jacuí, que formam o Lago Guaíba. Esta junção dá origem a um arquipélago composto por 19 ilhas e áreas continentais.

O primeiro contato do pesquisador com os pescadores deu-se quando ocupava o cargo de Secretário de Educação em 2009. O Presidente da AMP, Paulo Denilto, trouxe a pauta sobre as passagens escolares para os alunos da rede municipal que moravam na Praia do Paquetá. Naquele momento, houve a informação de que pessoas na cidade de Canoas sobreviviam do ofício da pesca. Isto muito intrigou o pesquisador, pois havia exercido dois mandatos como Vereador (de 1996 a 2004), quando os temas ambientais eram bandeira de atuação. Naquela época, foram encaminhados pedidos de providências para melhorar a qualidade de vida daquela comunidade, mas sem de fato se ter um contato mais amigável com os pescadores.

Conforme dados do IBGE (2010), dos 294 habitantes da Praia do Paquetá, 158 são homens e 136 são mulheres. A população entre 0 e 17 anos é aproximadamente 40%; o índice de evasão escolar é mínimo, sendo de 2% para crianças de 06 a 17 anos. Das crianças entre 0 e 06 anos apenas 7% estão matriculadas em escolas de Educação Infantil. As residências são em sua maioria de madeira, com o abastecimento de água e luz clandestino em 50% e 40% das residências, respectivamente, não possuem rede de esgoto. De acordo com o Relatório Socioeconômico Prainha do Paquetá (CANOAS 2010) segue o Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Relatório Socioeconômico

Total de registros na lista:	87
Total do sexo masculino	43
Total do Sexo feminino	44
Não consta RG	06
Não consta CPF	14
Não consta registro de Pescadores	59
Tem registro de Pescadores	28
Mulheres com registro de pescadoras	13
Homens com registro de Pescadores	15

Fonte: Autoria própria, 2015, a partir do Relatório 2010.

Somente em novembro de 2014, que se aprovou pela Câmara Municipal de Canoas de

número 5821³, a qual denomina oficialmente o nome da Praia do Paquetá, considerando os pescadores residentes como comunidade tradicional. A partir dessas reflexões surgiram os seguintes questionamentos.

1.1 Problemas de pesquisa

Em retrospectiva através dos estudos sociológicos, percebe-se o florescimento de uma profícua variante da história social voltada a escrutinar as vozes dissonantes dessas populações que por algum tempo ficaram “esquecidas” por um ramo da historiografia que estuda as classes trabalhadoras, neste caso os pescadores, não se limitam àqueles sujeitos dedicados às atividades da pesca (RAMALHO, 2006; BARRETO, 2000; BLUME, 2011). Encontrou-se nesta situação, as questões a serem abordadas neste trabalho, como:

Quem são esses pescadores da Praia do Paquetá? Como constroem o seu cotidiano? Como é a relação entre os pescadores entre si e com o restante da comunidade ribeirinha? O mundo da pesca é vivido coletivamente?

1.2 Objetivos

Para responder aos problemas propostos traçaram-se os seguintes objetivos:

1.2.1 Objetivo Geral

Examinar o modo de vida dos pescadores da Praia do Paquetá, a partir da compreensão das memórias sobre seu cotidiano.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Compreender a vida cotidiana dos pescadores, a partir de suas memórias.
- b) Descrever como expressam o estar junto, o estilo de vida e o viver com arte, a partir de

3LEI Nº 5882, de 24 de novembro de 2014. Denomina A Praia Do Paquetá E Dá Outras Providências. Art.1ºÉ denominada Praia do Paquetá a área de preservação ambiental localizada no Bairro Mato Grande, as margens do Rio dos Sinos. I- Esta área pertence a área de Proteção Ambiental Estadual do Delta do Jacuí, instituída pela Lei Estadual nº 12.371 de 2005. Art.2ºConsidera os pescadores residentes na Praia do Paquetá como Comunidade Tradicional. Art.3ºEsta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Disponível em <https://www.leismunicipais.com.br/a/rs/c/canoas/lei-ordinaria/2014/589/5882/lei-ordinaria-n-5882-2014-denomina-a-praia-do-paqueta-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 02 abr. 2015.

suas memórias.

- c) Contribuir para reflexões e produção de saberes sobre os pescadores da Praia do Paquetá.

Como metas buscou-se a elaboração do ensaio visual sobre o cotidiano dos pescadores e exposição itinerante que percorrerá escolas das redes pública e privada do Município de Canoas (RS).

1.3 Justificativa

Devido à intensa militância política e comunitária no município de Canoas, procurei por temas afins, principalmente no sentido de contar e registrar este processo na Graduação em Ciências Sociais na Pós-graduação em Ciência Política. Em 2012 tomei conhecimento do Mestrado Profissional em Memória e Bens Culturais do Unilasalle, mas em 2014, o tema dos pescadores artesanais da Praia do Paquetá ganhou o meu coração e a minha mente, e tomei a decisão de realizar a pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação. Acredito que conhecer através das memórias dos pescadores no cotidiano nas águas do Delta do Jacuí, poderá colaborar fundamentalmente juntos as políticas públicas para a manutenção deste ofício para que tenham mais visibilidade e apoio permanente das Instituições e da sociedade.

É possível encontrar diversos estudos realizados em diferentes regiões, que tratam do cotidiano, histórias e memórias de ribeirinhos, e residentes litorâneos, porém isto se restringe quando se trata de pescadores artesanais da Praia do Paquetá e do Delta do Jacuí. Obtiveram-se algumas obras por meio das bases *Google Acadêmico*, *SciELO* e Domínio Público, para o desenvolvimento do presente trabalho. A partir do levantamento da literatura, foi possível perceber que as populações litorâneas e ribeirinhas do Brasil, em suas mais diversas temporalidades, sempre foram objeto de estudo privilegiado dos pesquisadores das áreas da antropologia e da sociologia (DIEGUES, 1983; MALDONADO, 1986, 1994; MANESCHY, 1995; SILVA, 1987; ZARUR, 1984). Até os idos da década de 1970, poucos foram os historiadores brasileiros a se aventurarem num campo considerado espaço de conhecimento empírico demarcado e restrito aos profissionais das ciências sociais (ELLIS, 1968; IVO, 1975).

Existe uma lacuna na história do município de Canoas, quanto à trajetória dos pescadores que residem na Praia do Paquetá e, por isto, o interesse em estudar a permanência destes nesta região. Abordagem deste tema é de relevância para discussão e reflexão, pois as comunidades ribeirinhas, no caso dos pescadores do Paquetá, contribuem com o

monitoramento da qualidade das águas dos rios, a busca de práticas econômicas sustentáveis.

1.4 Organização do trabalho final

O trabalho final foi organizado em duas partes, a saber: a primeira, no formato de dissertação e a segunda com as produções artísticas e técnicas, próprias das exigências de um mestrado profissional.

A dissertação é composta por uma introdução, quando se apresenta uma breve contextualização sobre a Praia do Paquetá e os pescadores; apresentação dos problemas, objetivos e justificativa da pesquisa. No capítulo 2, “Revisão bibliográfica”, traz-se discussão sobre trabalhos afins ao tema investigado; no capítulo 3, “Marcos teóricos”, apresenta-se a fundamentação do trabalho baseada nos conceitos de pesca artesanal, cotidiano e memória social. O capítulo 4, “Percursos metodológicos”, explica o universo da pesquisa, o trabalho do pesquisador, materiais e métodos. O capítulo 5, “Vida cotidiana dos pescadores da Praia do Paquetá: os fios que ligam as memórias” trazem, por meio da história oral de vida os laços familiares, rotinas de trabalho, estratégias de sobrevivência e como expressam sonhos e desejos.

A segunda parte é composta por uma produção artística, traduzida em ensaio visual fotográfico sobre o cotidiano dos pescadores da Praia do Paquetá e projeto de exposição itinerante abordando a Praia do Paquetá, os pescadores e seu cotidiano.

A partir desta proposta apresentada, remete-se ao próximo capítulo que busca revisão de literatura como referencial teórico sobre os pescadores e a história da pesca.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Sobre pesca e pescadores

Considerada uma das atividades mais antigas, a pesca artesanal é exercida pelos humanos em período anterior ao Neolítico, proporcionando aos pescadores a adquirir um vasto conhecimento ao longo de vários séculos sobre os aspectos relacionados ao ciclo de vida das espécies capturadas, a época de sua reprodução e a concentração de cardumes (DIEGUES, 2004).

Na história do Brasil, a pesca esteve presente desde os tempos da colônia e está entre as atividades econômicas mais antigas e tradicionais. De acordo com a SEAP (2008), ao longo de toda a costa brasileira, inúmeras comunidades pesqueiras nasceram nesses cinco séculos de história.

A prática da pesca pelos índios é uma atividade anterior à chegada dos navegadores portugueses ao Brasil, peixes, crustáceos e moluscos era parte importante de sua dieta alimentar (DIEGUES, 2004). No período colonial (1500-1822), além da pesca indígena de subsistência, organizou-se a pesca da baleia, que se constituía num monopólio da Coroa Portuguesa. A concessão dessa pesca era dada a pescadores portugueses e bascos. “A mão-de-obra utilizada na capturada baleia era constituída, sobretudo, por escravos africanos [...]” (LANGESDORF, 1996, p. 145). Em meados do século XVI (1500-1600), Jean de Léry participou da tentativa colonizadora francesa no Rio de Janeiro e descreve com detalhes a pesca praticada pelos índios Tupimbás. Ao longo do litoral, “esses indígenas usavam canoas, pirogas cavadas em tronco de árvore e também piperis (igapebas), jangadas feitas de paus amarrados, ambas embarcações utilizadas na pesca litorânea” (LANGESDORF, 1996, p.149).

A partir do século XIX (1800-1900), Diegues (1999) afirma que a atividade pesqueira deu origem a inúmeras culturas litorâneas regionais ligadas à pesca, entre elas a do jangadeiro, em todo litoral nordestino, do Ceará até o sul da Bahia; a do caíçara, no litoral entre Rio de Janeiro e São Paulo; e o açoriano, no litoral de Santa Catarina e Rio grande do Sul, “[...] enquanto esses dois últimos tipos de pescadores estavam também ligados à atividade agrícola, os primeiros dependiam quase inteiramente da pesca costeira” (DIEGUES, 1999, p. 362). Na primeira década do século XX(1900-2000), a pesca, passou a assumir, em algumas regiões, uma escala comercial de grande importância, como é o caso da pesca da sardinha por barcos que usavam uma grande rede de cerco, chamada de traina. Daí o nome de traineiras dado a essas embarcações, que começaram a pescar na Ilha Grande (Rio de Janeiro)

e foram trazidas pelos portugueses e espanhóis, utilizando uma tripulação de 15 a 20 homens. A primeira dessas redes foi introduzida por um pescador espanhol, que a trouxe pronta de seu país, por volta de 1910 (BERNARDES, 1958; BRITO, 1960, *apud* DIEGUES, 1999, p. 362).

Entre 1919 e 1924 a história da pesca artesanal brasileira, sofreu forte influência do militarismo, fruto da missão do Cruzador “José Bonifácio” da Marinha, expedição marítima que percorreu o litoral de Belém-PA ao Rio de Janeiro, foi um marco na gestão pesqueira sendo a primeira intervenção concreta do estado brasileiro na atividade. A proposta da missão era nacionalizar a pesca e abrangeu questões sociais, econômicas, ecológicas e principalmente militar, procurando incutir nas comunidades pesqueiras, uma nova conduta social que as fizesse passar do estágio de desenvolvimento em que se encontravam para outro que desconheciam (CALLOU, 2008). A missão foi responsável pela criação de 800 colônias de pesca, que passaram a ser a única formação representativa conhecida pelos pescadores e as quais foram obrigadas a pertencer. A missão também criou mais de 1.000 escolas, organizou grupos de escoteiros, fundou postos de saneamento, procurou desenvolver a instrução profissional, combate à verminose, malária e alcoolismo e procurou fiscalizar a pesca predatória. Apesar dos avanços, a missão trouxe implicações políticas nefastas aos pescadores, pois a marinha se deteve em questões de segurança nacional da costa no período da segunda guerra mundial e impuseram o engajamento dos pescadores na defesa militar do país estabelecendo o controle social sobre as comunidades pesqueiras. (EMBRAPA, 2014).

A história político-gerencial da pesca artesanal no Brasil, resume-se na seguinte linha do tempo: em 1846, começou com a Marinha, transferido para o Ministério da Agricultura em 1912. Cinco anos depois volta para Marinha com a missão do Cruzador “José Bonifácio”. Doze anos depois o setor volta ao Ministério da Agricultura como uma sub-pasta do Departamento de Indústria Animal. Em 1938, cria-se o Código da Pesca por Decreto-lei (No 794 de 19-10.1938). Em 1942, o setor volta a pertencer a Marinha, subordinada aos comandos navais e, coincidentemente, no período da segunda guerra mundial. No Rio Grande do Sul, a atividade pesqueira é desenvolvida desde o final do século XIX. Por volta de 1870, vieram para a zona sul do Estado imigrantes portugueses da região de Varzim, Portugal. Os poucos recursos trazidos por alguns desses imigrantes não possibilitavam nenhum grande empreendimento, a não ser com o uso de sua força (MARTINS, 2002, p. 3).

No início do século XX, em 1906, Edgar Roquette-Pinto realizou uma viagem ao litoral norte do Rio Grande do Sul e faz um relato minucioso da fauna, flora, do conjunto de lagoas do litoral, os “tipos” humanos, etc. Ao longo de sua viagem, Roquette-Pinto (1962)

destaca a atividade pesqueira da região de Tramandaí, inclusive descrevendo detalhes de como era feita a pesca na lagoa:

A emenda é uma companhia de 15 pescadores. [...] Formam nela quatro canoas; duas canoas de bater, com dois homens cada uma, e duas canoas de rede, com isso cinco. [...] Um capataz, homem prático em conhecer os cardumes pelas ondulações da superfície d'água, dirige a emenda. [...] Na pescaria as canoas vão silenciosamente; quando o capataz faz sinal de cardume, abrindo os braços, as portadoras da rede abrem-na também, cada uma indo para seu lado, estendendo a, assim, em círculo (ROQUETTE-PINTO, 1962).

Com criação das colônias de pescadores, a partir da década de 1920, ocorreram uma série de mudanças no modo de vida destes. A nova legislação buscou uma regulamentação do pescador profissional, exigindo deste um registro nos órgãos fiscalizadores. Christian Nunes da Silva (2006, p. 80) afirmou que:

Com a criação das Colônias de pescadores houve uma legalização da atividade pesqueira, pelo reconhecimento da Colônia de Pesca enquanto categoria de representatividade dos pescadores, e um reconhecimento da sociedade e do Estado da importância da atividade pesqueira para o provimento do mercado consumidor interno.

A criação das colônias e o registro oficial da profissão foi um processo regulatório do Estado que efetivamente trouxe o reconhecimento e as garantias legais, desta importante atividade produtiva do país, principalmente porque a maior parte destes profissionais são pescadores artesanais.

2.2 Pesca artesanal

No Brasil, pescadores artesanais são muito comuns em regiões litorâneas, principalmente de pesca marinha. As formas de trabalho assentadas, para Ramalho (2012), na lógica de campanha ou regime de parceria são de maneira geral as regras socioculturais de organização do trabalho na pesca artesanal em diversas localidades brasileiras de norte a sul. Para Pieve (2009), as principais mudanças socioambientalistas que atingem estas comunidades, as quais se mantêm resilientes por meio de adaptações ou modificações no seu contexto local a partir do conceito de conhecimento ecológico local. Suas vidas são profundamente influenciadas pela relação que tenham com as águas, sejam estas do mar, dos rios ou dos mangues (SILVA, 2001). A pesca artesanal é considerada uma das atividades mais antigas exercidas esta por sua vez proporcionou aos pescadores adquirir um vasto

conhecimento ao longo de vários séculos sobre os aspectos relacionados ao ciclo de vida das espécies capturadas, a época de sua reprodução e a concentração de cardumes (DIEGUES, 2004).

Sendo a pesca artesanal considerada uma das atividades mais antigas exercidas, por muito tempo permaneceu sem definição no Brasil, os pescadores artesanais eram considerados como profissionais, mas a definição de pescador era menos abrangente, eram considerados pescadores unicamente os trabalhadores envolvidos nas atividades de pesca. Além disso, beneficiam as populações litorâneas, quanto ao elevado nível de emprego com grande potencial para o desenvolvimento social e econômico destas populações, proporcionando maiores conhecimento e exploração nos setores de pesca como um todo. Compreende-se por pesca artesanal atividade realizada em regime de economia familiar e desenvolvida por meio de embarcações de pequeno porte, nem toda a forma de pesca artesanal é realizada com uso de embarcações. Esta atividade constitui uma ampla diversidade cultural das populações de pescadores (DIEGUES, 1993, 2004; SILVA; LEITÃO, 2012).

A atividade pesqueira, segundo Diegues (1999), deu origem a inúmeras culturas litorâneas regionais ligadas à pesca, como a do jangadeiro, em todo o litoral nordestino, do Ceará até o sul da Bahia; a da caiçara no litoral entre o Rio de Janeiro e São Paulo, e o açoriano, no litoral de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

As observações do fórum do Delta do Jacuí indicam que o conhecimento sobre os territórios pesqueiros compõe os saberes tradicionais territoriais e ambientais desses atores e que os mesmos têm orientado as estratégias para gestão ambiental e compartilhada da pesca artesanal. Baseado no conceito de conhecimento ecológico local (PIEVE, 2009, p. 89):

[...] que permeia a relação entre o ser humano e meio ambiente, englobando tanto as concepções simbólicas acerca de seu *meio – recurso* e fenômenos naturais -, quando seu modo de se apropriar dele, que por sua vez, incentiva e permite a utilização de tecnologias específicas disponíveis no ambiente ou não.

O ambiente natural da pesca artesanal sofre constantes mudanças, contudo as atividades estão restritas ao limite imposto pelo meio ambiente, relacionados por vezes ao baixo esforço de pesca e incertezas de clima, tempo, viabilidade e peixes, entre outros fatores que alteram as estratégias utilizadas e as viagens em busca do pescado (DIEGUES, 1988; BEGOSSI, 1992).

De Paula (2013), em seu estudo em relação ao trabalho dos pescadores artesanais da Praia do Paquetá, relata as dificuldades em relação aos esportistas de Jet-Ski ao longo do Delta e os reflexos dos diversos tipos de poluição: industrial, de origem da agricultura e do

esgoto residencial, ao longo dos rios no eixo da região metropolitana, situações que problematizam a qualidade e o resultado das atividades pesqueiras artesanais. Os pescadores artesanais que residem na Lagoa Mirim convivem com uma diversidade de espécies de fauna e flora características de ambientes terrestres, úmidos e aquáticos, ou seja, campos restingas, banhados e lagoa. Desta que deriva uma interação entre estes pescadores e tais recursos que varia de acordo com o conhecimento ecológico local conforme Pieve, (2009).

As comunidades da área continental do Delta do Jacuí costumam pescar no seu entorno, mas, frequentemente, se deslocam para os rios que deságuam no Delta (DE PAULA, 2013). De acordo com Fonseca, (2005) estas comunidades dependem da pesca artesanal e hoje lutam por um espaço ora disputado pela aquicultura industrial, ora vendido como produto pela indústria turística. As narrativas dos pescadores artesanais podem ir muito além dos mitos que povoam as águas de mares, rios e lagoas. Inevitavelmente, qualquer trabalho que venha a ter como tema o universo dos seres humanos que vivem da pesca se alimenta de expectativas literária, dada a proximidade com o caráter mítico e fanático que o ambiente, até mesmo por tradição literária, suscita em expectadores distantes.

A base de subsistência dos pescadores artesanais, na Lagoa Mirim (RS), está no extrativismo animal, à pesca como a principal atividade econômica; no extrativismo vegetal, a coleta de plantas medicinais e alimentícias e uma agricultura para o autoconsumo (PIEVE, 2009). A princípio, a própria origem das comunidades, as margens da lagoa, historicamente atrelou a vida ao trabalho na pesca, ainda hoje, e ela a única alternativa em momentos críticos, seja diante ao desemprego ou da necessidade imediata da sobrevivência.

Existe, portanto uma memória social que faz com que os moradores da comunidade se identifiquem e sejam identificados como pescadores, mesmo que trabalhem em outras atividades (SILVA, 2003). De Paula (2013) afirma que as identidades se manifestam a partir do posicionamento do indivíduo e de um povo no mundo, ou seja, no processo de construção de um saber que orienta estratégias de apropriação da natureza e da construção de mundos de vida diversos.

Dentro de um contexto de apropriação de bens culturais pelas entidades locais, de degradação ambiental, de transformações sociais advindas das mudanças nos modos de produção, toda uma “nova” realidade passa a nortear as histórias (FONSECA, 2005). Para Batista (2011), em seu trabalho com ribeirinhos da Ilha do Combú no Pará, afirma que a comunicação ocorre dentro de um contexto cultural e social, ou seja, a cultura é determinante na comunicação e na forma como as organizações sociais influenciam ou exercem o poder sobre o comportamento, representado pela forma de aprender, pois a cultura ribeirinha se

desvenda nas práticas ou nos fazeres do dia-a-dia.

2.3 Pescadores e algumas abordagens

Para identificar em um universo de complexidade, diversidade e complementaridade de práticas produtivas no modelo capitalista é necessária a construção de uma abordagem complexa que permita a percepção da coexistência, da tensão, do antagonismo, do conflito e a complementaridade, entre vários tempos e lógicas econômicas (Lopes, 2011). Desta forma, quanto aos pescadores da região do Delta Jacuí, apresentamos o quadro a seguir.

Quadro 2 – Pesquisas realizadas sobre pescadores da região do Delta do Jacuí (RS)

REFERÊNCIA	CITAÇÕES
De Paula, Cristiano Quaresma, 2013.	“[...] os pescadores da Praia de Paquetá-Canoas, as principais territorialidades de pesca no Delta do Jacuí estão estabelecidas nos arroios, inseridos no Parque Estadual Delta do Jacuí [...] importância econômica desses arroios, os próprios pescadores propõem que alguns sejam reservados para a preservação por serem reconhecidos como importantes áreas para a reprodução e maturação dos peixes”.
Fonseca, Ana Claudia Mafra da, 2005.	“[...] a própria origem das comunidades, às margens da lagoa, historicamente atrelou a vida ao trabalho na pesca e, ainda hoje, é ela a única alternativa em momentos críticos, seja diante ao desemprego ou da necessidade imediata de sobrevivência”.
Ramires, Milena; Barrella, Walter; Esteves, Andréia M., 2012.	“[...] a pesca artesanal antes desenvolvida como forma de subsistência, hoje já não mais é a única atividade econômica das comunidades litorâneas em diversos municípios [...]”.
Marques apud Pieve, Stella Maris Nunes, 2009.	Frente ao conceito de conhecimento ecológico local: “[...] tal conhecimento assume diversas formas, a saber: um íntimo e detalhado conhecimento do meio ambiente, incluindo plantas, animais e fenômenos naturais, o desenvolvimento e o uso de tecnologias apropriadas para a caça, a pesca, a agricultura e o florestamento; e um conhecimento holístico ou uma ‘visão de mundo’ que se paraleliza a disciplina científica da Ecologia”.
Silva, 2003 apud Pieve, Stella Maris Nunes, 2009.	“Mesmos aqueles que não exercem a pesca como atividade principal de trabalho se afirmam pescadores, como se a pesca fosse um ser independente de estar ou não exercendo a atividade”.
Fonseca, Ana Claudia Mafra da, 2005.	“Afinal, quem nunca ouviu falar das histórias dos pescadores? Quantos causos, quantas histórias teriam esses personagens reais, mas não menos literários para contar? O que temem o que enfrentam? Em que águas navegam e mergulham para transformar em palavras suas realidades?”

Fonte: Autoria própria, 2015.

Como citado na primeira obra, a importância econômica desses arroios, os próprios pescadores propõe que alguns sejam reservados para a preservação por serem reconhecidos

como importantes áreas para a reprodução e maturação dos peixes, no desenvolver da pesquisa de Fonseca (2005), perceberam as contradições de um universo em dinâmica contradição de pobreza dos pescadores desta região as condições adversas de sobrevivência em um espaço cada vez mais abalado pelas transformações sociais, são fatores imediatos de desconstrução da aura mítica e romantizada da natureza selvagem e intocada das águas. Dentro desse contexto, se torna de suma importância à aplicabilidade no que se refere ao conhecimento do conceito ecológico local, definido por Pieve (2009) como um íntimo e detalhado conhecimento do meio ambiente, incluindo plantas, animais e fenômenos naturais, o desenvolvimento e o uso de tecnologias apropriadas nas práticas da pesca.

As questões levantadas por Fonseca (2005) foram como guia a se tomar no presente estudo, partindo do pressuposto conforme Maffesoli (1998, p. 268): “Todos esses rituais cotidianos, aos quais não se presta atenção, que são mais vividos do que conscientizados, raramente verbalizados, são eles, de fato, que constituem a verdadeira densidade da existência individual e social”.

Lopes (2011) realiza os seus estudos sobre as (in)possibilidades de sustentabilidade do modo de vida ribeirinho, em um grupo insular no município de Belém\Pará. A comunidade de Jamaci na Ilha do Paquetá revela que os valores culturais, as simbologias, as condições naturais que variam de acordo com os ritmos ecológicos, os equipamentos técnicos influencia, na organização socioambiental, e orientam nas práticas produtivas e garantindo a reprodução dos ribeirinhos nas franjas dos processos dominantes, a partir de estratégias que combinam as vivências no cruzamento do tempo ecológico e mecânico.

Sobre conceito de tempo ecológico Cunha (2000) descreve que este tempo ecológico ou natural está expresso na relação estabelecida com a natureza, à maneira como a natureza se impõe e concomitantemente o modo que os pescadores\ribeirinhos se apropriam dela, munidos de tecnologia artesanal e conhecimento sobre o ambiente. Devido a intensa relação cotidiana com o meio ambiente físico, numa situação em que as relações sociais estão imbricadas com os ritmos ecológicos, é chamado de tempo ecológico por Lopes (2011). Por estas condições os pescadores estão sujeitos aos ciclos da natureza, como estação, clima, reprodução dos peixes entre outros. Assim como os limites de finitude do ambiente natural e das suas reservas.

Batista (2011), em sua abordagem sobre o tempo, afirma que os saberes sobre o tempo, as marés, os estoques de cardumes, as fases da lua e a ação das chuvas, explicam os processos de trabalho, a lógica das técnicas de captura e a invenção da vida social e que o ciclo das águas é incorporado como dimensão fundamental da vida, entre os povos das águas

da Amazônia. Thompson (1992) se refere a uma consciência temporal que não se utiliza como referência os fenômenos ecológicos ou naturais para a realização de atividades, e que está mais diretamente relacionada às dinâmicas industriais. Por exemplo, os pescadores da Praia do Paquetá no município de Canoas, entre os meses de primeiro de novembro a primeiro de fevereiro, estão no tempo da Piracema, como já descrito anteriormente, no entanto a influência do tempo ecológico imprime certa especificidade na lógica temporal desse segmento social em relação à lógica capitalista, que é baseada no tempo do relógio e não considera os limites dos recursos naturais nem as consequências ecológicas.

Segundo Ramalho (2012), a teoria na análise de elementos práticos do modo de se organizar no cotidiano da vida pesqueira e produzem elementos de uma cultura do trabalho estruturada na ideia da igualdade. Um modo exemplar a realiza-se através do “quinhão”.

Neste sistema de partilha todos recebem cotas iguais do fruto do resultado de sua pescaria, como o autor exemplifica se três homens na atividade pesqueira em um barco dividem por cinco, uma cota para o dono do barco para a sua manutenção, e no caso para o dono da rede, para a manutenção e cuidado da mesma. O quinhão possibilita a existência de dois fenômenos - firma um processo mais igualitário entre os trabalhadores pesqueiros, que os tornam parceiros no mesmo barco e, literalmente, na batalha pela sobrevivência. Ramalho (2012) trata dessa forma de cooperação simples e funciona como um código de honra que deve ser respeitado e nunca infringido; que deve ser mantido e respeitado entre os próprios pescadores artesanais.

Desenvolve--se entre estes pescadores destas localidades pesquisadas um forte sentido de corporação e um pertencimento de liberdade e autonomia. Percebem enquanto sujeitos diferentes em relação a outros trabalhadores da sua localidade. Construção civil, caseiros e outros trabalhadores que devem dever aos seus patrões. Neste sentido para Ramalho (2012) desenvolvem um forte sentido de pertencerem a uma corporação.

O ser ribeirinho é caracterizado num segmento social que interage com as águas e seus recursos cotidianamente, de forma combinada com os recursos da floresta (que não é o nosso caso), dispõem de conhecimentos e representações específicos ao ambiente em que vivem, ou seja, ser ribeirinho não é apenas o fato de morar na beira do rio, mas também um jeito de pensar e agir. Os ribeirinhos são identificados por valores que regem um modelo de comportamento comunitário dos recursos naturais. Dentro desta afirmação, enquanto categoria designada favorece a identificação como: modo de vida, aproveitamento de recursos naturais, ocupação e apropriação do território, identidade cultural e simbólica, crenças e valores (BATISTA, 2011).

Estudos sobre ribeirinhos do Rio São Francisco, citam à abordagem do emocional como não “prescinde do entendimento de abordagens das estruturas sociais em uma escala mais ampla, mas privilegia o indivíduo como sujeito da análise” (PAULA; BRANDÃO, 2007, p. 4). Em análise a perspectiva, para Batista, (2011) abre uma janela, e tem indicado um caminho de pesquisa da relação de interação entre o homem e o meio em que vive, ressaltando o componente afetivo do espaço para a população.

Conforme Maffesoli (1998), “ao lado da via régia da razão, existe o mundo obscuro da paixão”, esta abordagem conceitual permite entender o espaço como construção da cultura de um grupo, sem, no entanto, deixar de considerar a relevância das experiências individuais do olhar da pessoa. De acordo com Morin (1986), não são os olhos que vem, e sim nosso espírito através dos nossos olhos, apontando que a sensação também faz parte da cultura, considerando a interface indivíduo - sociedade, a visão do rio, pelos olhos dos ribeirinhos para o Rio São Francisco, em relação a seu convívio, significa a continuidade do ordenamento do mundo a partir dos referenciais conhecidos, peixe, barco, mobilidade, água, tradição e conhecimento pessoal, no modo de se relacionarem e interagirem com o visual.

Neste sentido, há uma relação dialética entre espaços-sentido o vivido e as memórias desta relação construída e desenvolvida. Rieper (2006), nesta relação da formação da cultura, em Murphy, em que se baseia na visão da sua formação da cultura afirma, pela vida em sociedade, que as imagens da mente não são fantasias completamente individuais de pessoas que tendem a compartilhar as representações da realidade que desta forma legitimam e reforçam interpretações recíprocas disto. Promovendo fantasias coletivas, conhecida por cultura, antropologicamente.

Segundo Fonseca (2005), a pesquisa etnográfica, realizada no município de Nísia Floresta, no litoral Sul do Rio Grande do Norte, com pescadores e moradores de comunidades existentes no entorno da Lagoa de Papary. Trabalho este que nos fornece orientação quanto ao método do campo da oralidade, construir as histórias na investigação, na busca pelas narrativas populares de comunidades de pesca artesanal através de um discurso literário. Para Fonseca (2005) é importante perceber as contradições de um universo de pobreza das condições dos pescadores desta região: “Condições adversas de sobrevivência em um espaço cada vez mais abalado pelas transformações sociais, são fatores imediatos de desconstrução da aura mítica e romantizada da natureza selvagem e intocada das águas” (p. 02).

Trata-se dos sujeitos a um imaginário idílico ou de memória, recorrente daquilo que se possa imaginar. Em se viver perto da beira de um rio, ou do imaginário do que seja, “a vida boa de um pescador”. Além disto, a uma identidade em ser pescador, mesmo aqueles que não

exercem a pesca como atividade principal de trabalho, se afirmam pescadores, como se a pesca fosse um SER independente. O conhecimento tradicional,

é um conhecimento local, único para uma dada cultura ou sociedade, um produto intelectual de incontáveis gerações de observação direta e experiência intuitiva transmitida através da tradição oral, que as pessoas recebem de herança de seus ancestrais, envolvendo a criatividade, inovação e habilidades (STEVENSON, 1996, p.287).

Ainda, segundo Albagli (2005) parte importante desses conhecimentos tradicionais e tácita, ou seja, reside e se desenvolvem em crenças, valores e práticas comunitárias; provém de aprender fazendo, usando e interagindo esse conhecimento tácito e encontra-se associado a contextos geográficos específicos; ele deriva da experimentação, sendo transmitido e desenvolvido por meio de interações locais. É conhecimento dinâmico, e não um acervo estático, sendo definido menos por antiguidade e mais pelo processo social pelo qual é desenvolvido, compartilhado é utilizado.

Esta revisão geral da literatura colabora para a reflexão das relações da pesca no Brasil, e as possíveis conexões com o tema estudado, desta forma aplica-se a metodologia que está no próximo capítulo.

3 MARCOS TEÓRICOS

Após definição do tema, se faz necessário conceituar o cotidiano e memória para traçar a linha de interpretação analítica, dotada no objetivo deste trabalho, e será utilizado nos percursos metodológicos a seguir. Nesse sentido passa-se a descrever e refletir sobre estas noções.

3.1 Cotidiano

Maffesoli (1995) trata do cotidiano não como um conceito que se pode, mais ou menos utilizar na área intelectual, mas um estilo no sentido de algo mais abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto; é um estilo que pode ser considerado, *stricto sensu*, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura. A estética da qualidade do trabalho e o prazer nele envolvido, o prazer do estar juntos, um estilo de vida a que a pessoa não pode escapar em seu cotidiano. O importante é fazer com arte, esta limitação é que o sujeito atua, no subterrâneo das impressões expressas na repetição no cotidiano. Incorporando, aqui, a ideia e o poder da resiliência, as resistências no cotidiano frente às dificuldades apresentadas na realidade do ofício de ser pescador.

A epistemologia do cotidiano para Tedesco (2002), trata como o lugar, para a análise social, pois aí, que se constitui a sociabilidade, o cotidiano é constituído por uma teia de significações insignificantes, efêmeras (pequenos nada) e polissêmicas que constroem a força e a permanência da vida cotidiana.

A vida cotidiana, conforme Maffesoli, é um bom revelador do estilo da época, pois se destaca muito bem como a existência e determinada pelo sentido coletivo. Neste caso, a determinação no sentido lógico: aquilo que limita, e no sentido etimológico: o que circunscreve o que delimita um campo, mas também o que dá vida, o que permite que haja a cultura, em oposição ao indeterminado do deserto. Por meio de constrangimentos, dos usos e costumes, do habitue, toda a vida individual é limitada. Desta forma, “a vida quotista e essa centralidade subterrânea, esse ponto nodal, ao qual se pode não dar atenção, que se pode esquecer ou negar, mas que nem por isso deixa de constituir os húmus a partir do qual irá crescer toda a vida individual” (MAFFESOLI, 1995, p. 66).

Percebe-se, de uma maneira mais ou menos consciente, na valorização contemporânea do cotidiano, sente-se em correspondência com os outros, participa-se com os

outros, de um conjunto mais vasto. Todas as diversas massificações, as emoções coletivas, as festividades, as atrações tribais e outras modas de vestir, de linguagem e de gestos nada mais fazem do que indicar, a pregnância de um estilo de vida no qual não se pode escapar (MAFFESOLI, 1995).

Enquanto globalidade, segundo Maffesoli (1995) o vivenciado está cada vez mais na ordem do dia, ao contrário de uma economia da existência, e o estilo de vida que tende a predominar. “Este estilo de vida que enfatiza os jogos da aparência, e os aspectos imateriais da existência, de maneira paradoxal, pelo manejo das imagens, ou mesmo pelo consumo desenfreado dos objetos” (p. 65). Para cada um desses casos o que prevalece não é mais o ativismo, a produção, o trabalho, com as consequências sociais que se sabem, mas sim um desejo por querer viver. Em suma, há nesse estilo de vida, de outra maneira, que tal concepção faz do trágico uma força que, a maneira do estoico, não pretende agir sobre o qual não tem domínio, fazendo agir sua criação sobre aquilo que está no alcance da mão, sobre o cotidiano, o doméstico, o próximo, todas as coisas a partir das quais se pode fazer da existência uma verdadeira obra de arte (MAFFESOLI, 1995).

O fato, é dizer sim a vida de qualquer maneira: este é o desafio lançado à sociabilidade pós-moderna, também é a situação epistemológica com a qual está confrontado. Há nesse enfoque sobre o cotidiano, uma espécie de conservação, tanto de si mesmo como da espécie. Trata-se, evidentemente de um saber incorporado, quase consciente, que sabe que é o nicho do doméstico que se pode melhor resistir às diversas imposições das instituições e dos poderes constituídos (MAFFESOLI, 1995, p.72).

No aspecto deste estilo de vida, por mais estético ou mítico que seja uma atitude alternativa ao político. Não é mais o mito da emancipação, elaborado durante a modernidade, o que prevalece- mito originado no ideal democrático, mas de estar junto, na qual o consenso, de acordo com a etimologia (*cum sensualis*) e mais afetivo, emocional do que racional. A cultura do sentimento que disso decorre não é menos eficaz. De fato, se o valor essencial da ideologia produtiva, a saber, o trabalho pelo trabalho, tende a ficar saturado, pode-se ver surgir outro tipo de valor, de contornos ainda pouco nebulosos, que alia criação ao prazer. Nestes casos, se afirmar, conforme Maffesoli, que o estilo estético do cotidiano contamina um domínio que até então era submetido ao princípio da realidade puramente econômico. A busca do qualitativo é preocupação do cotidiano contemporâneo: urbanismo, lazer, relações de vizinhança não deixa indene o domínio da produção e dos serviços, e valoriza muito espírito, a dimensão estética e imaterial que servirão de matriz da vida social (MAFFESOLI, 1995).

No contexto, apresentado por Maffesoli, os saberes cotidianos se configuram através do efêmero, englobam os campos da religiosidade, das estéticas e dos prazeres, sobretudo, de uma ética do “devir”, na qual o indivíduo é respeitado, em sua comunidade (PEREIRA, 2007). Para que se compreendam os vínculos emocionais que ligam as pessoas ao lugar onde vivem, é necessária a consideração dos fatos sociais em uma perspectiva social íntima. A esfera do sentimento, profundamente comprometida com as formas de dar os valores aos espaços vividos, somente pode ser trabalhada do ponto de vista do indivíduo (RIEPER, 2006).

Tedesco (2002), na relação entre cotidianos e sociabilidades são definidas com empatia comunaliza e dimensiona a trama societária contemporânea baseada na experiência comum dos homens. Expressa no tribal, em detrimento do sentido clássico de individual onde vivemos uma dialética massa-tribo, a massa sendo o pólo englobante, a tribo, a cristalização do particular. Neste sentido, há um deslocamento dos valores individualizantes e racionalistas de uma modernidade que se esvai. Há novos valores e predicados que ligam as operações coletivas na atual época societária.

De acordo com Tedesco (2005) definem os grupos por afinidades sexuais, culturais, religiosos, políticas e de lazer, seriam os aglutinadores da microsubstâncias tribais. A proximidade, o local, microgrupo fundamentar-se-iam no grau de sentimento de pertencimento dentro da ética que se nutre dos quadros de comunicação (ritos, mitos, simbologias, cultura) e reforçam a coesão. As sociabilidades estão imbricadas nestes elementos da sociedade atual. Onde a busca de pertencimento, de sentimento é solidariedade grupal estão associados ao nosso tempo. Neste sentido, o cotidiano e o local são espaços de sociabilidades, havendo uma ligação estreita entre ambos; o acento é colocado no próximo e no afetual.

A ideia de proximidade e de afeto são imperativos conceituais que condicionaram a análise da realidade nas relações sociais que se constituem, os elementos contextuais são ligados aos aspectos psíquicos do meio dos quais os atores se colocam. A proximidade pressupõe a fundação de uma sucessão de nós que constituem a substância de toda a sociabilidade. E no cotidiano que se constitui toda a sociabilidade.

Partindo do pressuposto de que o cotidiano é uma experiência coletiva e sociabilidade, Maffesoli apresenta a noção e a aceitação da vida (não como sinônimo de passividade), de duplicidade, de silêncio e de astúcia como formas e manifestações do vivido orgânico e social.

Estética da qualidade do trabalho e o prazer nele envolvido; o prazer do estar juntos; a pregnância de um estilo de vida que a pessoa não pode escapar em seu cotidiano; aqui incorpora a ideia é o poder da resiliência. As resistências no cotidiano frente às dificuldades

apresentadas na realidade do ofício de ser pescador. A ideia de felicidade. Limitada ao espaço do privado. É criticada por Maffesoli (1995), para este: "Porém pode haver uma outra concepção de felicidade, aquela que considera uma força social, o que significa que a felicidade individual, só adquire dignidade no quadro de felicidade coletiva" (p.64).

Pode-se dizer que é a partir do ordinário que é elaborado o conhecimento do social.

Pois o quotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos utilizar na arena intelectual. É um estilo no sentido que dei a esse termo, isto, algo de abrangente, de ambiente, que é a causa é o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto. Dizendo em outros termos, o ar do tempo e a vida sem qualidade são reconhecidas no concreto porque este concreto é vivido como totalidade (MAFFESOLI, 1995, p. 64).

"[...] pode-se dizer que a vida quotidiana é um bom revelador do estilo da época, pois destaca-se muito bem como a existência e determinada pelo sentido coletivo". Entende-se diante disto, "determinação em seu sentido lógico e etimológico e determinativo. No sentido lógico: aquilo que limita. No sentido etimológico: o que circunscreve, o que delimita um campo, mas também o que dá vida", o que consente que exista a cultura, "em oposição ao indeterminado do deserto. Por meio de constrangimentos, dos usos e costumes, do habitue, toda a vida individual é limitada" (MAFFESOLI, 1995, p. 65).

Entretanto esta restrição "que lhe permite existir. Nesse sentido, a vida quotista e essa centralidade subterrânea, esse ponto nodal, ao qual se pode não dar atenção, que se pode esquecer ou negar, mas que nem por isso deixa de constituir o húmus a partir do qual irá crescer toda a vida individual" (MAFFESOLI, 1995, p. 65).

De acordo com Maffesoli (1995) percebe-se, de "maneira mais ou menos consciente, na valorização contemporânea do quotidiano. Sente-se em correspondência com os outros, participa-se com os outros, de um conjunto mais vasto". Todas as massificações distintas, "as emoções coletivas, as diversas efervescências festivas, as atrações tribais e outras modas de vestir, de linguagem e de gestos nada mais fazem do que indicar, no quotidiano, a pregnância de um estilo de vida no qual a pessoa não pode escapar" (p. 66).

O vivenciado, enquanto globalidade, está cada vez mais na ordem do dia. E ao contrário de uma economia da existência, e o estilo de vida que tende a predominar. Estilo de vida, já o disse hedonista, estético, místico. Estilo de vida que enfatiza os jogos da aparência, e os aspectos imateriais da existência. É isto de maneira paradoxal, pelo manejo das imagens, ou mesmo pelo consumo desenfreado dos objetos em cada um desses casos o que prevalece não é mais o ativismo, a produção, o trabalho, com as consequências sociais que se sabem, mas sim um querer viver [...] (MAFFESOLI, 1995, p. 67).

Em suma, há nesse estilo de vida “[...] dito de outra maneira, uma tal concepção faz do trágico uma força que, a maneira do estoico, não pretende agir sobre o qual não tem domínio, fazendo agir sua criação sobre aquilo que está no alcance da mão, sobre o quotidiano, o doméstico, o próximo”, a partir das quais todas as coisas “se pode fazer da existência uma verdadeira obra de arte (MAFFESOLI, 1995, p. 68).

De qualquer maneira, dizer sim a vida, “este é o desafio que lança a sociabilidade pós-moderna, está também é a situação epistemológica com a qual se é confrontado. Há nesse enfoque sobre o quotidiano, uma espécie de conservação, tanto de si mesmo como da espécie”. Visivelmente, trata-se “de um saber incorporado, quase consciente, que sabe que é o nicho do doméstico que se pode melhor resistir às diversas imposições das instituições e dos poderes constituídos” (MAFFESOLI, 1995, p.69).

Segundo Maffesoli (1995, p. 69):

[...] nesse estilo de vida, por mais estético ou mítico que seja, uma atitude alternativa ao político. Não é mais o mito da emancipação, elaborado durante a modernidade, o que prevalece- mito originado no ideal democrático, mas de uma outra maneira "de estar junto", na qual o consenso, de acordo com a etimologia (*cum sensualis*) e mais afetivo, emocional do que racional. A cultura do sentimento que disso decorre não é menos eficaz. Quer seja pela doçura, pela indiferença ou pela abstenção, a sociabilidade em questão sabe se fazer ouvir.

Deveras, “o valor essencial da ideologia produtiva, a saber, o trabalho pelo trabalho, tende a ficar saturado, pode-se ver surgir um outro tipo de valor, de contornos ainda pouco nebulosos, que alia criação ao prazer. Em todos estes casos”, acredita-se “que o estilo estético do quotidiano contamina um domínio que até então era submetido ao princípio da realidade puramente econômico, em uma [...]”. A procura “do qualitativo-preocupação do quotidiano contemporâneo: urbanismo, lazer, relações de vizinhança-não deixa indene o domínio da produção e dos serviços, e valoriza muito espírito, a dimensão estética e imaterial que servirão de matriz da vida social” (MAFFESOLI, 1995, p.72).

Estética do trabalho artesanal:

É, nesse sentido, o que é dito do texto literário pode ser extrapolado para o texto da vida cotidiana, o da vida imediata é banal, na qual importa menos o conteúdo, o fazer, o fundo, do que *sabor-faire*, a aparência, a forma, cuja importância se conhece nas interações da vida de todos os dias. Esse *savoir-faire* pode ser muito bem os da regra da polidez, os diversos rituais de sociabilidade, os códigos de comportamento em sociedade (MAFFESOLI, 1995, p.72).

Segundo Maffesoli (1995), afirma que pode haver outra concepção de felicidade,

aquela que considera uma força social, o que significa que a felicidade individual só adquire dignidade no quadro de felicidade coletiva. Assim dizendo em outros termos, o ar do tempo e a vida sem qualidade são reconhecidos no concreto porque este é vivido como totalidade. Para além de suas experiências de uma atividade de pescadores que integra a arte do pescar, entendemos que estão associadas a uma outra dimensão que integra as suas narrativas e experiências. O desejo, o lúdico e suas expressões em seus sonhos e emoções e como estes apresentam-se em seu cotidiano de vida, e é afirmado em suas memórias.

3.2 Memória

Candau (2011, p. 24) compreende a memória humana como uma faculdade individual influenciada ou moldada por marcos sociais, mas isso não torna a memória coletiva, memória coletiva é aquela que pode ser compartilhada, um conjunto de representações da memória, essa representação de memória é entendida como “um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros do grupo”.

Memória é um termo polissêmico que possui uma grande variedade de definições, como a faculdade de lembrar, de reter impressões e ideias, lembrança, recordação, reminiscência. Conforme Meihy (2005), memória individual é de caráter pessoalmente psicológico, relacionado as experiências particulares e possui um aporte orgânico, cérebro e mente: a memória coletiva é de ordem fundamentalmente cultural, uma vez que compreende elementos externos que marcam a identidade de um grupo específico. No aspecto referente à memória, no caráter social, considerando que as memórias de um indivíduo nunca são só suas e que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade, as memórias são construções dos grupos sociais, e são elas que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada (HALBWACHS, 2006). A memória, de acordo com Candau (2014), ao mesmo tempo em que nos modela é também por nós, modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade, que se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.

Para Candau (2014), nem sempre a memória social chega a tornar-se efetivamente coletiva, a lealdade ao passado, marcado por essas âncoras, naturaliza a comunidade pelo lado positivo e dificulta sua transformação, e, por outro lado, elas funcionam como instrumentos que ratificam a filiação a certas identidades a partir da escolha dos fundamentos históricos a essas identidades. Nesta configuração, o princípio da identidade ganha sentido, enquanto

processo de construção social no saber (DE PAULA, 2013). Faz-se necessário verificar se é possível estender o conceito de estilo às formas cotidianas. Pois assim, evitaremos pensar o estilo como algo pessoal, mas estabelecido nas tribos e comunidades, como descreve Pereira (2007) e desta maneira entender as formas de uso que cada comunidade faz do ambiente e dos recursos que a cerca envolve entender esta interação incluso no conceito do conhecimento ecológico local (PIEVE, 2009).

Para Halbwachs (2006), a lembrança é reconhecimento, na medida em que porta o “sentimento do já visto” e, reconstrução principalmente nos dois sentidos; sendo um, resgate de acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais; e outro porque é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos e vivências evocáveis e localizada num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais. Silva e Ramos (apud CANDAU, 2011), afirma que a memória é processual e situada, vai se construindo e desenhando sentidos na relação que estabelece a subjetividade daquele que escuta. Logo, a memória traz para o momento o presente as experiências passadas, gerando a sensação ilusória de que é possível reavivar o que passou, tornando o passado uma presença acessível. Neste caso é a impressão transmitida pela lembrança e, a partir disso, a memória atua como fonte de referentes identitários.

Observado por Halbwachs (2006), as lembranças que guardamos de cada época de nossa vida, se reproduzem sem cessar e permitem que se perpetue, “como pelo efeito de uma filiação contínua, o sentimento de nossa identidade”. Nesse sentido, Rieper (2006), o fato de viver na beira do rio é um fator de identidade muito significativo, identidade e percepção espacial se relacionam e se constroem mutuamente interagindo com o visual. O olhar e a visão não são livres da interpretação, da leitura, do processamento mental, de opções de ponto de vista, a percepção constitui-se na interpretação do mundo pelo indivíduo a partir do que se vê, sente, e cheira, enfim, apreende com os sentidos. A percepção representa a decodificação da sensação, transformando-a em ideia e em imagem (CLAVALL, 1997).

Para Candau (2014) o ato de memória se dá por meio das narrativas de vida ou nas autobiografias, coloca em evidência essa aptidão especificamente humana que consiste em dominar o próprio passado para inventariar não o vivido como Maget, mas o que fica do vivido.

Candau (2014, p. 72), afirma que o

papel do narrador parece colocar em ordem e torna coerente os acontecimentos de sua vida que julga significativos durante sua narrativa, ao modo de restituir, ajustar, inventar, modificar, simplificar, entre esquecimentos, censuras, resistências, não

ditos, recusas, vida sonhada, ancoragens, interpretações e reinterpretações constituem a trama desse ato de memória que é sempre uma excelente ilustração das estratégias identitárias que operam em toda a narrativa.

Visto que para Halbwachs, uma semente de rememoração pode permanecer um dado abstrato, pode ainda, formar-se em imagem e como tal permanecer ou, finalmente, pode tornar-se lembrança viva, depende da ausência ou presença de outros que se constituem como grupos de referência. A visão do rio significa a continuidade do ordenamento do mundo a partir dos referenciais conhecidos peixes, barco, mobilidade, água, tradição e conhecimento pessoal (RIEGER, 2006). Para Souza (2014), a lembrança não é uma imagem fiel, uma cópia do passado, as lembranças se reúnem, se justapõem e às vezes umas recobrem as outras, por isso a rememoração faz surgir no presente algo muito distinto do que foi no passado, aí então a fragmentariedade da memória, da reconstrução memorial – das narrativas da memória.

Segundo Candau (2014) o ato de memória se dá por meio das narrativas de vida ou nas autobiografias, coloca em evidência essa aptidão especificamente humana que consiste em dominar o próprio passado para inventariar não o vivido como Maget, mas o que fica do vivido. Para Candau (2014), afirma que o papel do

narrador parece colocar em ordem e torna coerente os acontecimentos de sua vida que julga significativos durante sua narrativa, ao modo de restituir, ajustar, inventar, modificar, simplificar, entre esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas, vida sonhada, ancoragens, interpretações e reinterpretações constituem a trama desse ato de memória que é sempre uma excelente ilustração das estratégias identitárias que operam em toda a narrativa (CANDAU, 2014, p. 71).

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Para o estudo e a análise de fenômenos humanos, faz-se necessário adotar uma forma, ou método, para se atingir o objetivo. Esse método, embasado em um corpo de conhecimentos e atividades sistemáticas, funciona como uma espécie de caminho que levará o pesquisador, com consistência e segurança, ao resultado desejado. Nesse intuito, optou-se por realizar o presente trabalho por meio de pesquisa qualitativa, conforme se explicita a seguir.

4.1 Pesquisa Qualitativa

A natureza da pesquisa qualitativa costuma deixar em segundo plano os números, sendo, portanto, eminentemente descritiva. A investigação qualitativa é multimetodológica, na medida em que lida com informações diversas, colhidas através de múltiplos meios, tais como: observação, entrevistas transcritas, depoimentos, notas de campo, fotografias, estudos de significados, representações sociais, simbolismos, percepções, pontos de vista, perspectivas, vivências, experiências de vida. Em função dessas características, o método qualitativo se mostrou o mais adequado a uma investigação que se debruça sobre o elemento humano, mais precisamente os pescadores de uma dada comunidade ribeirinha e o seu cotidiano, o seu universo de valores, crenças, significados e comportamentos, bem como sobre a estrutura social dessa comunidade.

Para Augusto Triviños (1987), a pesquisa qualitativa se desenvolve a partir de dados obtidos pelo pesquisador diretamente do ambiente em que o sujeito está inserido. Ainda segundo Triviños (1987), a metodologia qualitativa pressupõe que a preocupação não é a de comprovar hipóteses, visto que, nesse tipo de pesquisa, a sua dimensão teórico-prática pressupõe que o foco da investigação é o processo; e não, o produto. Por isso, a maneira como os informantes, se comportam em diferentes situações, como se relacionam com familiares e com a comunidade, bem como relatam essas situações é o que realmente importa. O autor enfatiza que se trata de um enfoque fenomenológico, no qual os pressupostos culturais próprios do meio em que o sujeito está inserido ao longo de sua existência é que plasman os significados por ele atribuídos aos fenômenos.

Sendo a visão subjetiva uma característica do método qualitativo, é importante assinalar que, a despeito da carga de pessoalidade que esse tipo de pesquisa muitas vezes apresenta, a esta não deve ser imputada falta de rigor e/ou ausência de cientificidade.

Levando em consideração os aspectos tratados acima, a construção desta investigação

se dá em Revisão bibliográfica e História Oral, as quais serão explicitadas a seguir.

4.2 Revisão Bibliográfica

A metodologia para a elaboração de trabalhos acadêmicos considera a revisão bibliográfica como o ponto de partida para todo tipo de investigação científica. Conforme TOZONI-REIS, (2003) a revisão bibliográfica importante para delinear melhor o problema de pesquisa, pois “permite que o pesquisador se aproprie de conhecimentos para a compreensão mais aprofundada do assunto e do tema”, e afirma:

a pesquisa bibliográfica tem como principal característica o fato de que a sua fonte dos dados é a bibliografia especializada. Todas as modalidades de pesquisa exigem uma revisão bibliográfica, uma busca de conhecimentos sobre os fenômenos investigados na bibliografia especializada, mas só a pesquisa bibliográfica tem como campo de coleta de dados a bibliografia (TOZONI-REIS, 2003, p.18).

A revisão de bibliografia que embasou o presente trabalho envolveu a leitura de publicações como livros, dissertações, teses e artigos científicos, jornais e sites especializados nas seguintes áreas do conhecimento: pesquisa qualitativa, pesquisa exploratória, história oral, memória coletiva e pesca artesanal. A consulta a esses materiais visou recolher conceitos, fundamentos e demais subsídios para a elaboração do arcabouço teórico sobre o qual se construiu a pesquisa. Ressalta-se que, nessa revisão, foram examinados, especialmente, os conceitos que permeiam a memória coletiva e as relações de ribeirinhos com os rios do seu entorno. A pesquisa como exploratória tem objetivo de familiarizar o pesquisador com o problema ou fenômeno a ser investigado, com vistas a torná-lo mais explícito ou, se for o caso, o habilite a construir hipóteses. Esse tipo de pesquisa, na maioria das vezes, inclui-se saída de campo – imprescindíveis para o conhecimento direto do objeto do estudo em seu próprio meio –, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, bem como a análise de exemplos que estimulem a compreensão. A pesquisa exploratória institui critérios, procedimentos e técnicas para a elaboração de uma pesquisa e aponta informações sobre o objeto da mesma e encaminha para formulação de hipóteses (CERVO *et al.*, 2007).

A pesquisa exploratória à qual se lançou a presente investigação valeu-se de saídas de campo. Para tanto, após a exploração do local, com vistas ao reconhecimento do ambiente (observação da Praia do Paquetá e da Colônia dos Pescadores), empregou-se a técnica da realização de entrevistas orais, segundo princípios metodológicos da história oral, a ser a

explicitada mais adiante, neste trabalho.

A saída a campo realizou-se com a finalidade de conhecer os integrantes da comunidade dos pescadores: saber da rotina de trabalho e interações com o ambiente, sobretudo com o rio, com colegas e familiares; posteriormente foram feitas as entrevistas, bem como levantamento fotográfico das diversas outras situações que fazem parte das suas vivências, tais como as cheias, as festividades da Praia do Paquetá, Pescando Lixo.

As visitas foram realizadas no período compreendido entre o mês de janeiro de 2014 até fevereiro de 2016, compreendido por visitas e realização das entrevistas.

Todos os pescadores que participaram da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o uso das imagens e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o uso das entrevistas, que conforme Szymanski (2004, p. 12) ao assinarem este termo os entrevistados concordam “em colaborar na pesquisa”, isto “denota sua intencionalidade – pelo menos a de ser ouvido e considerado verdadeiro no que diz –, o que caracteriza o caráter ativo de sua participação [...]”. Assim sendo: “O entrevistado ao aceitar convite para participar da pesquisa, está aceitando os interesses de quem está fazendo a pesquisa, ao mesmo tempo em que descobre ser dono de um conhecimento importante para o outro” (SZYMANSKI, 2004, p. 13).

4.3 A História Oral

Para a construção das memórias dos pescadores a respeito do seu cotidiano, foi utilizada a metodologia da História Oral. Para tanto, o percurso metodológico buscou suporte em Meihy e Ribeiro (2011). Para esse autor, trata-se de um gênero historiográfico bastante cultivado e com crescente público, sobretudo quando as narrativas têm aspiração de longo curso e versam sobre aspectos continuados da experiência de pessoas, um tipo de narração com começo, meio e fim.

Para Meihy e Ribeiro (2011), a História Oral é uma prática nova. Para que ela ocorra, é de fundamental importância a interpretação da história e das sociedades mutáveis, e das suas culturas, através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências. Dentre as importantes contribuições dadas pelos historiadores históricos orais para a discussão sobre o uso da entrevista como fonte está o sentido do documento e da análise que se faz dos textos produzidos a partir de depoimentos. A simples forma amadorística de captação de entrevistas não deve ser confundida História Oral, visto que são coisa bem distintas.

É oportuno esclarecer que a História Oral não é feita de biografias, de expressão

escrita, invariavelmente apoiada na fala, vale dizer, baseada no relato de fatos corriqueiros e fatos notáveis que permearam a vida dos entrevistados e em outros suportes. Há ainda que se fazer a seguinte distinção: visto que a memória e a própria narrativa não obedecem à sequência lógica dos fatos, a entrevista de história oral de vida que sustentam as biografias ganharia foros de construção poética ou literária.

Esclarecimentos como esses se fazem necessários, na medida em que é bastante comum a confusão entre História Oral com Oralidade, história oral de vida e outras modalidades. Assim sendo, é necessário conceituar História Oral, para que esses e outros equívocos amadorísticos não se perpetuem. Segundo Meihy e Ribeiro (2011), para haver História Oral é preciso que haja três elementos: depoente, pesquisador e gravador.

Ao se definir História Oral dentro de limites precisos, é importante destacar seus três ramos: História Oral de Vida, História Oral Temática e Tradição Oral. A história oral de vida é sempre um “retrato oficial”, uma versão “fabricada”, “intencional”. Nessa direção, a “verdade” reside na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar, ocultar, negar, esquecer ou deformar casos, situações... Por primazia, as fontes orais serão, os objetos privilegiados deste trabalho, serão coletadas durante a pesquisa de campo as narrativas dos pescadores, constituídos em depoimentos autorizados sobre rios, a pesca, laços familiares, histórias de vida e de trabalho. A entrevista permite o acesso aos dados de difícil obtenção por meio da observação direta, tais como sentimentos, pensamentos e intenções (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

Para garantir o foco nas experiências, e nos aspectos subjetivos dos depoimentos, os autores, orientam que as entrevistas sejam livres e aberta o mais possível, com esta postura “permitem-se entradas em territórios de difíceis acesso como vida privada, construção de afetos pessoais e coletivos, visões subjetivas...” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 82).

4.3.1 A formação da colônia

A Colônia é definida “pelos padrões gerais de sua comunidade de destino”, que é “aquilo que identifica as pessoas, os motivos, as trajetórias que as reúnem em características afins” (MEIHY *apud* CALDAS, 2003, p. 02). A Rede é “uma subdivisão da colônia e que visa estabelecer parâmetros para decidir sobre quem deve ser entrevistado ou não”, ou seja, define “colaborador” como uma pessoa que aceitará ser entrevistada e que ocupará papel preponderante na pesquisa, sem os quais a mesma não seria viabilizada. “Comunidade de destino”, se dá a partir do envolvimento do pesquisador com os sujeitos observados, criando

“vínculo de amizade e confiança com os recordadores”, formando as condições para que “se alcance a compreensão plena de uma dada condição humana”, uma postura de entrega, expressa prática e teoricamente pelos sujeitos envolvidos (pesquisador e recordadores) (BOSI *apud* CALDAS, 2003, p. 02).

A função da Colônia, da Rede e da Comunidade de destino, segundo Meihy e Ribeiro (2011), é de construir um grupo que se une por uma trajetória comum, se constituindo a partir das narrativas, auxiliadas por uma “pergunta de corte” que assegura certa uniformidade e “define e reforça sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais”. A partir desta técnica apresentada, foi realizada a escolha da colônia (grupo de colaboradores a serem entrevistados) pertencente à comunidade de destino, ou seja, os pescadores da Praia do Paquetá aqui conceituada como “comunidade de pescadores”.

A coleta de dados inicia com a entrevista “zero”, na qual uma pessoa-fonte, servirá de subsídio para formar a rede de colaboradores. A rede em questão é uma subdivisão da colônia e o corte de quem será entrevistado. Propõe-se que esta indicação “zero” se dê pelos próprios pescadores (MEIHY, 2005).

“*Quem é esta pessoa?*” Um colaborador para ajudar a identificar o grupo a ser entrevistado, este informante não participará junto das outras entrevistas. Em relação ao número de entrevistados neste estudo, eles foram recrutados de acordo com a disponibilidade. Dentre esses, estava a pessoa-fonte, apesar da formação da colônia ser de indicação de um para outro, neste trabalho, optou-se utilizar as indicações exclusivamente da pessoa-fonte, representado pelo Paulo Denilto, o presidente da Associação dos Moradores e Pescadores da Praia do Paquetá, que nos indicou exclusivamente os pescadores que moram no Paquetá, suas mulheres e moradores que há mais tempo exercem o ofício de pescadores e/ou seus familiares diretos. Importante destacar que este informante, colaborou com as sugestões das saídas de campo que foram realizadas, como o Dia do Pescador (29 de junho), o Pescando Lixo, e a participação da audiência do Fórum Delta do Jacuí –RS.

Esclareceu-se ao Denilto os objetivos do atual estudo, pesquisa acadêmica em Memória e Bens Culturais do Unilasalle, cujo tema é o Cotidiano dos Pescadores da Praia do Paquetá. Informou-se sobre o interesse na pesquisa e sobre a importância da história da Praia e dos pescadores para o município de Canoas. Abordou-se, também sobre os temas ambientais, de sustentabilidade e solicitou-se os registros e documentos que estivessem em posse da Associação – principalmente a lista de moradores e pescadores que vivem, moram e trabalham na Praia do Paquetá.

Quadro 3 – Colaboradores da pesquisa

NOME DO COLABORADOR		DATA DA ENTREVISTA
Alberi Fagundes Varela	Tem 55 anos, nasceu em Porto Alegre morou no bairro Niterói e é morador da Praia do Paquetá desde seus 12 anos de idade; não é pescador profissional, apenas auxilia sua esposa Emília, que possui carteira de pescadora artesanal.	03/09/2015
Antenor Polido de Andrade	77 anos, natural de São Paulo é morador da Praia do Paquetá há 27 anos, casado, possui 5 filhos vivos, e 1 falecido, pescador profissional.	26/08/2015 e 27/08/2015
Darlei dos Santos Pires	Tem 40 anos, é casado, tem dois filhos e é morador e pescador da Prainha do Paquetá.	25/11/2015
Evair de Oliveira Lopes	Conhecido como Alemão, tem 46 anos, casado, três filhos, natural de Canoas, reside na Praia do Paquetá desde sempre, filho de pescadores, num total de dez irmãos, e todos ajudavam o pai, que, além de pescador, também colhia capim.	02/09/2015
Miro	Nasceu e se criou na Praia do Paquetá; com 54 anos de idade, mora na beira d'água, pescando. Casado, tem seis filhos.	02/09/2015
Nélson Tadeu dos Santos	Tem 45 anos, é natural de Esteio, é pescador profissional e morador da Praia do Paquetá. Casado, tem cinco filhos.	25/11/2015
Paulo Denilto	Natural de Canoas, morou em Caxias do Sul, e hoje reside com sua esposa e filhos na Praia do Paquetá atual presidente da Associação dos Moradores e Pescadores da Praia do Paquetá.	22/08/2015
Sueli Martins de Oliveira	Tem 41 anos, é de família de pescadores, sempre morou na Praia do Paquetá, é pescadora profissional. Casada, tem cinco filhos e seis netos.	25/11/2015
Wilson Rios Correia	Apelido: Gui, 32 anos, casado com Gisele de Oliveira, têm três filhos, todos pescadores e moradores da Praia do Paquetá.	25/11/2015

Fonte: Autoria própria, 2016.

4.4 O trabalho com as entrevistas e a análise

A metodologia da História Oral representa uma conquista para as pesquisas da área das Ciências Sociais. No entanto, alguns procedimentos adotados por pesquisadores da área

ainda são questionados, principalmente no âmbito acadêmico e especificamente no que se refere à cientificidade da produção de conhecimentos.

No que concerne à História Oral, dois conceitos são particularmente alvo de críticas por parte de quem coloca o rigor científico no topo da lista das exigências a serem atendidas no campo da investigação científica: o conceito de colaboração e o de transcrição, ambos concebidos por Meihy (1996).

O produto final de um projeto de história oral é coletivo, na medida em que foi construído por um pesquisador, ou entrevistador, e um entrevistado, ou colaborador, que são responsáveis por esse produto. Trata-se, a toda evidência, de uma colaboração. Por isso, a entrevista da história oral é entendida como a reprodução de um encontro a partir do qual foi construída a narrativa objetivada pela pesquisa qualitativa e exploratória desenvolvida.

Como, nesse processo, há duas subjetividades envolvidas, ou dois saberes diferenciados, possíveis contradições estão subjacentes; e, ainda, como a entrevista é gravada e terá de ser transcrita, possível pressupor que, após a elaboração textual, o que era colaboração passa a ser uma transcrição.

Esta definição, própria da área da literatura, quando aplicada à área da história oral, transfere para o pesquisador-entrevistador a responsabilidade pela construção de uma narrativa que se reporta mais ao sentido do que é falado do que à reprodução literal das palavras faladas pelo entrevistado.

Fica assim evidenciada a importância do comprometimento do pesquisador com o entrevistado quanto e com a história deste, e da qual, passado o momento da entrevista, o pesquisador se apropria, tornando seu o conhecimento do outro. E desse ardil é difícil escapar.

Decorrem de fatos como esse as críticas quanto ao grau de cientificidade desse tipo de trabalho, do qual, no entanto, se focado de outro ponto de vista, poder-se-ia dizer que tem o mérito de valorizar o caráter humano que deve presidir o trato com pessoas. Afinal, essas, muito mais do que objetos de pesquisa, são protagonistas de suas histórias.

Sopesando os prós e contras da transcrição, acima expostos, optou-se por buscar, aproximar os problemas e os objetivos do trabalho às narrativas pessoais dos pescadores, preferiu-se nesse sentido utilizar a espontaneidade das narrativas de memórias dos textos aos temas e objetivos a serem verificados.

O entrevistado, ao contar suas experiências, transforma o que foi vivido em linguagem. Assim, tomamos as narrativas como experiências que nos são narradas pelo diálogo promovido nas entrevistas. Nesse sentido, acontecimentos, contextos ou situações vividas pelo entrevistado são transmitidos ao entrevistador, constituindo-se ambos, no

momento mesmo da entrevista, sujeitos da narrativa reconstruída pelo diálogo, (ALBERTI, 2004).

Após a transcrição das entrevistas, a organização e a análise dos relatos de memória, que para Lemos (2015) a análise é a interdisciplinaridade produtiva que para compreender a multiplicidade de sentidos nas interações humanas, destacando a subjetividade manifesta nas narrativas orais dos indivíduos sociais e sua valorização, bem como suas concepções de mundo, sua cultura. A partir desta ideia, dar-se-á aplicação da metodologia Elementos da Análise Interpretativa para Relatos Oraís, proposto por Andrade (2015).

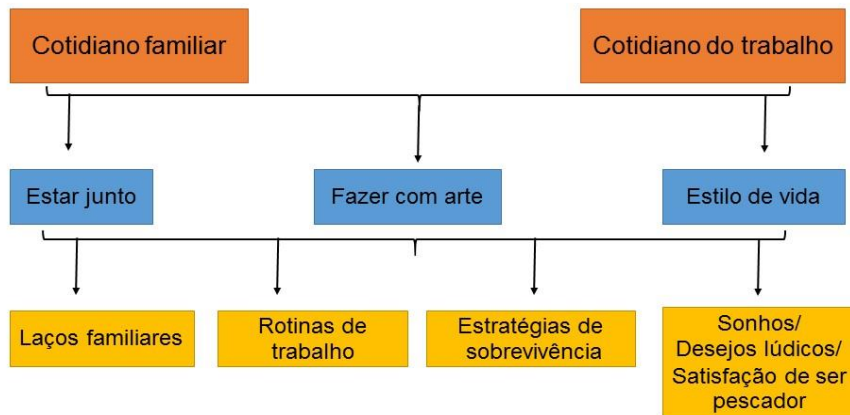
Quadro 4 – Elementos da análise interpretativa para relatos orais

- Ler e reler as transcrições para apreender o conteúdo das falas
- Identificar os aspectos relacionados diretamente com o objeto de estudo e anotar em planilha
- relacionar o relato oral com os demais tipos de pesquisa
- organizar os temas identificados em grandes tópicos
- verificar a repetição ou citação de um mesmo assunto entre os entrevistados
- estabelecer a relação entre os depoimentos e os objetivos elencados

Fonte: Baseado em ANDRADE, Claudio R. B., 2015.

Baseado no quadro acima, descreve-se as experiências do trabalho dialogando com os testemunhos de acordo com as noções de Mafesoli (1995), “estar junto”, “fazer com arte”, “estilo de vida”, ao mesmo tempo optar pelos temas vinculados aos objetivos da pesquisa anteriormente descritas.

Quadro 5 – Fluxograma sintético da análise interpretativa



Fonte: Autoria própria, 2016.

4.5 Ensaio visual sobre o cotidiano dos pescadores da Praia do Paquetá

O presente trabalho foi permeado por uma sequência de fotos que foram registradas ao longo das saídas de campo e durante as entrevistas. Segundo Barthes (1984, p. 42), a fotografia “talvez tenha uma resistência invencível para acreditar no passado, na história, a não ser sob forma de mito”. Nesse sentido, para Barthes “pela primeira vez, faz cessar essa resistência: o passado doravante é tão seguro quanto o presente, o que se vê no papel é tão seguro que se toca. É o advento da fotografia... que partilha a história do mundo”.

Para o registro e captação das narrativas dos pescadores, utilizou-se o aplicativo de gravador de voz através do *tablet*; e o aplicativo de fotos, para registro de imagens. “Toda fotografia é certificado de presença. Esse certificado é o gene novo que sua invenção introduziu na família das imagens” (BARTHES, 1984, p. 129).

De maneira amadora, busca-se refletir sobre a importância deste ensaio fotográfico, sob “meu olhar” introduzido num universo, distante do meu cotidiano profissional, memória presente de tempos do passado da minha infância vividos na Praia do Paquetá, e lá se vão quarenta e cinco anos. Uma foto pode ser objeto de três práticas (ou de três emoções, ou de três intenções): fazer suportar, olhar. O *operator* é o fotógrafo, o *Spectator* somos todos nós, que compulsamos, nos jornais, nos livros, nos álbuns, nos arquivos, coleções de fotos. É

aquele ou aquela que é fotografado e o alvo, referente, espécie de pequeno simulacro chamando de *Spectrum* da fotografia, porque esta palavra mantém, através da raiz, uma relação com o espetáculo (BARTHES, 1984).

4.6 Exposição itinerante “Cotidiano dos pescadores da praia do Paquetá”

A exposição ocupará espaços escolares e constará de banners nos quais predominarão elementos visuais e simbólicos que, reunidos, definirão o formato e a circulação da exposição, adaptando-se aos diferentes espaços no qual será montada. Os textos informativos serão sucintos, divididos em pequenas narrativas das entrevistas orais dos pescadores, estrofes do próprio autor remetendo para outros textos ou pontos da exposição, de modo a criar “links” analógicos.

A exposição será inaugurada em junho de 2016 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rio de Janeiro. Com a etapa de itinerância, que sofrerá uma avaliação paralela, serão agregadas novas informações e experiências que poderão vir a redefinir a própria exposição.

5 VIDA COTIDIANA DOS PESCADORES DA PRAIA DE PAQUETÁ: OS FIOS QUE LIGAM AS MEMÓRIAS

A memória estaria guardada por inteiro como ela foi para a quem a vivenciou, como páginas impressas em nosso espírito (inconsciente); por isso, seria a possibilidade de reaparição, de despertar, de reconhecer as lembranças (BOSI *apud* TEDESCO, 2004, p.56).

[...] a vida de pescador eu gosto, só tem uma coisa homi, tudo que é trabalho, tem que ter compromisso, não adianta você vir hoje, e “a eu vou largar isso aí” não da, não, tem que ter compromisso, é a mesma coisa que quando o senhor trabalha em uma firma, até se aposentar. (Miro)

Neste capítulo descreve-se e analisa-se o cotidiano dos pescadores da Praia do Paquetá. Procede-se nesta etapa à exposição das narrativas dos pescadores, por meio da análise interpretativa. O trabalho se fundamenta nos estudos de Maurice Halbwachs sobre memória e analisa-se a noção de memória familiar, conforme Candau (2014), a partir do cotidiano. Sendo assim suas memórias familiares são privilegiadas: vida no povoado, vida profissional, barcos, redes, peixes, rios e instrumentos de trabalho, representam uma memorização tangível da história doméstica na família: é na vida cotidiana que se ancora a memória familiar desta população. A propósito, Halbwachs considera a família como um quadro social, tratando-a como comunidade afetiva⁴ que é uma memória que depende de outras pessoas que fizeram parte da vida (DA SILVA, 2009). Neste sentido para Candau:

[...] a responsabilidade pela transmissão das heranças materiais e imateriais, são essenciais, do sentimento de pertencimento e dos laços familiares, fazendo com que os membros da parentela queiram considerar-se como uma família. A afiliação é uma fidelidade a um patrimônio, um lastro de lealdade e obstinações cuja finalidade é a reprodução do grupo familiar (2014, p.140).

Entende-se que, as lembranças destes pescadores vão expressar o estar junto, estilo de vida e fazer com arte. Nas suas memórias expressas trazem à tona estas noções. As famílias e seus amigos mais próximos denotam um modo de vida onde estão ligados à sua sobrevivência enquanto pescadores. Com este sentido, selecionou-se em suas narrativas, a perspectiva do estar junto, o estilo de vida e fazer com arte. Estas noções articulam-se na relação entre o cotidiano a memória, pois, se o cotidiano é repetência, ritmos habituais, trata-se de rotina.

⁴ Quando adultos, fazemos parte de vários grupos, ligados a nossa vida afetiva ou profissional. O que nos liga a essa ou aquela pessoa são interesses, impressões, ideais, sonhos, desejos, e outras condicionantes, as pessoas podem se sentir estreitamente ligadas umas às outras e ter em comum todos os seus pensamentos, mesmo que tenham convivido em grupos totalmente distintos e desconhecidos. É a identificação com base em experiências, reflexões, paixões e sensações comuns (HALBWACHS, 2006).

É nesta comunidade afetiva que se estrutura o modo de vida dos pescadores da Praia do Paquetá e a memória familiar serve de princípio organizador da identidade do sujeito em diferentes modalidades e aglutina o fio da existência cotidiana (CANDAU, 2014). É no cotidiano e na família que se dá a resistência diante de uma vida de dificuldades de sobrevivência e a relação que fortalece a sua capacidade criativa de saber jogar com as vicissitudes. A família é o elo e o substrato, o verdadeiro húmus que impulsiona diante das incertezas da vida (MAFFESOLI, 1995).

5.1 Cotidiano familiar: estar junto, estilo de vida e fazer com arte

5.1.1 Estar junto

Alemão [...] ela (a esposa) era lá de Viamão, é se conhecemo aqui no Paquetá, só que ela morava em Viamão, aí o marido dela faleceu né, morreu acidente de firma, caiu dentro de uma coisa de firma, aí, aí se ajuntemo vai fazer 16 anos que estamos juntos agora fim do ano faz 17 anos.

Alberi: [...] eu vim pra cá, aí eu me separei da ex mulher e, eu já conhecia ela [a atual esposa] vendia sorvete no bar ali, foi indo, a amizade foi se transformando e foi indo devagarzinho, aí um dia eu arrisquei chegar nela né, vamo ver se eu conquisto essa mulher aí né, e deu certo ainda, tu ve, faz 9 ano, daí eu vendi a casa lá em cima lá, onde eu morava né era minha, e comprei esse barco grande, comprei mais dois terreno aqui, agora a gente tá se expandindo, nós já encaramos temporais, bah, várias situação aí no rio sabe, botando rede a gente se inliar em rede, daí ela, ela é pescadora profissional, ela tem carteira profissional, eu só tirei a carteira pra conduzir o barco.

[...] eu no caso, eu trabalho de vigilante né, então o meu salário tá garantido né, eu sou praticamente um funcionário dela na pesca né, eu boto rede, ela bota comigo, to ajudando ela no caso.

Darlei: crescendo, com quinze anos conheci ela, morava aqui do lado, do lado pra lá era do pai dela, conheci ela aqui, nos casemos, ela nasceu aqui no limoeiro, na estrada do Paquetá ali, até hoje existe aquele limoeiro lá. Eu conheci ela, casei ,tivemos dois filho, e continuamos pescando, por que ela era pescadora também né, e como eu gostava de pescar, e gosto até hoje.

Gui: “[...] dai eu vim pra cá conheci minha esposa também que mora aqui na beira do rio e gostardes pescar igual eu Bah,se deu né temo junto a dez anos junto, sempre pescando Pois é , um bailezinho que tem ali em baixo né, aí eu vim pro baile a mulher também ia ali, daí conversa vai aqui”.

Sueli: “ele era trabalhador em negócio de barco e coisa assim sabe, aí eu fui conhecer ele assim lá em Santa Rita sabe. O meu marido era nascido lá sabe, aí ele veio embora pra cá comigo”.

Nas narrativas dos pescadores(as) percebe-se que muitos dos atuais casais se conheceram e decidiram viver juntos na Praia de Paquetá. Aliaram-se e construíram um estilo de vida na beira do rio, compartilhando com suas famílias um jeito de “ganhar a vida” através da pesca artesanal. Nas suas narrativas, a presença nas lembranças, de laços familiares fundamentais estruturara o seu modo de vida no cotidiano, a partir da repetição comum de certos rituais e da dimensão de um sentido de pertencimento (CANDAU, 2014).

5.1.2 Estilo de vida

Alemão: *Se criemo aqui dentro, se criemo aqui dentro, não sou de parte nenhuma sou daqui mesmo sou natural aqui da praia mesmo.*

Nós sempre fomos assim doido pela pescaria desde criança, faz tempo que trabalhamos. O pai colhia capim, nós ajudávamos ele lá em cima (nas ilhas do parque do Delta do Jacuí), com quatro anos ajudávamos a carregar o capim, bem pequenininho, cortávamos o arroz de foice também né, quando dava enchente grande, os caras não podiam entrar, aí os caras pegavam os arroz pra cortar com a foice e só pegava o trator ia encostando na água, pegando e botando em cima. Mas o cara é de rio nos criamos no capim, o apelido do pai era capineiro, o cara se criou aqui na volta, se criou pescador também né aqui 'se criemo' o negócio de pesca e tudo né, o segredo de tudo capim e tudo ele que ensinou nós tudo, corta capim e tudo. Depois que o meu pai faleceu eu comecei a entregar capim na rua, peguei os fregueses dele, entregava na rua, fiquei no lugar dele né, antes de morrer ele tinha me dado os frequês pra eu pega ele já era meio doentinho daí eu fui junto com ele na rua né, aí ele me deu todos os frequês aí fui entregando os frequês dele aí fiquei um bocado de ano entregando capim no lugar dele que ele tinha me dado e fumo.

Sueli: *Sempre, sempre vivi aqui, é aqui são só dois pescadores, mas o resto tudo da família, minha mãe e meu pai também eram, mas meu pai agora é morto, eu tenho só a minha mãezinha querida. era criança e eu pescava com meu pai e meus irmãos né, e agora vivem tudo um longe do outro, eles moram lá e eu moro aqui na praia do Paquetá, ah eu estudava antes né, estudava, pescava. Me criei assim com meus pais, quando era solteira né, daí meus filhos foram se criando mas tá aí graças a Deus!*

Gui: *[...] pai era pescador nato, pescava minha mãe também, nós morava na beira do rio lá em São Borja com a divisa com a Argentina e Brasil aí lá eu era do tamanho do meu guri assim ó tudo acampado, pescava com minha mãe que acampava de barraca tenho meus cinco irmãos, o pai faleceu também lá, ele bebia muito né, morreu da maldita cachaça. Daí tá daí ficou só minha mãe lá daí meus irmãos tudo pra cá, “não vem pra cá que aqui tem serviço” não sei o que né, daí eu disse pra mãe eu vou lá pros gurus e vou trabalhar com eles aí vim pra cá um espalhado pra lá, outro casou pra lá, daí eu vim pra cá conheci minha esposa também que mora aqui na beira do rio e gosta de pescar igual eu bah, se deu né temo junto dez anos junto, sempre pescando.*

Gisele: *[...] eu já morava aqui! sim, eu morava lá em Nova Santa Rita lá na beira do rio tá bém, minha mãe pescava, meu padrasto também nós era tudo pequenininho aí nós se mudemodé lá pra cá aí aqui nós ficemodé até hoje. [...]* Sim, aham, a gente vinha sempre pra cá porque os meus parentes moravam tudo aqui né então a gente vinha sempre. Aí nos conseguimos arrumar aqui a moradia e nos viemos pra cá.

Nelson: *Eu vim pra cá no finalzinho de [19]77 pra [19]78, minha mãe veio para trabalhar no campo de leite do Moradaes ali né, que hoje é do Miltom Moradaes, filho do véio Maradaes, então ali ela tava trabalhando no tambo ali, tirava leite das vacas ali e aí foi assim que a gente veio para lá, e dali entre aquele intermédio ela veio conhecer aqui a prainha que era muito falada e nós não conhecia, aí viemos pra cá ela conheceu um senhor aqui que foi o seu Orlando, aí ela era mãe solteira, separou do meu pai eu tinha de cinco pra seis anos mais ou menos e fumo se criando com ela né, então. Aí a gente passou a morar com ele ali, se juntou com a minha mãe, adotou nós como filho dele também né, e fumo se criando ali, ele era pescador né. Fui aprendendo, fui pegando o ritmo do balanço da pesca e a gente foi indo até lá, aí depois eu me tornei pescador profissional que nem eles né, então eu ia vender peixe dentro dessas vilas aí, de primeiro era tudo rua sem asfalto sem nada, eram ruas de estrada de chão, era um barro preto aquilo ali era uma granja de arroz de primeiro, então por aí a gente ia tocando a vida, e a gente pesca até hoje.*

Miro (irmão de Alemão): *eu sou natural daqui, nasci e me criei aqui, vim da ilha ali do outro lado ali, vim com dois ano pra cá, eu to com 54, então no calculo são 52 ano que eu moro aqui, aqui na beira d'água pescando, aqui dentro de canoas aqui com a minha mãe (esposa) enterrou o imbigo aqui aqui no Paquetá, então na época o meu pai ele cortava, cortamo esse capim da beira do rio pra vender, e nós pescava, nós era mais velho né, eu e o meu irmão, nós pescava a minha mãe vendia, ela botava aí 100 kg de peixe numa carroça e vendia nessa vila, tinha uma freguesia muito grande, ela só vendia, nós pescava e ela vendia. meu pai assim, vou lhe dizer bem a verdade, meu pai não gostava muito de pescar, quem gostava e era da parte pescador era a minha mãe né, desda família dela, os tio, o pai dela era pescador, na época da pintada, eles vieram lá da pintada né, então eles eram pescador, da família da minha mãe era tudo pescador, dos Mauá.*

As lembranças destes pescadores remetem à trajetória familiar às quais as experiências estão intimamente ligadas. Suas memórias estão povoadas de um cotidiano em um ambiente em comum, onde foram desenvolvendo as suas trajetórias de vida, associadas a experiências de proximidade, de viverem perto do rio ou juntos frequentá-lo de maneira repetitiva e sistemática.

Os laços familiares se entrecruzam com a presença e a responsabilidade pelas heranças materiais e imateriais (CANDAU, 2014). O pai de Alemão tinha o apelido de *carpineiro*, trabalhava com o recolhimento de capim nas ilhas, ofício que Alemão realiza até hoje, junto com a atividade de pescador. Nas suas memórias, a herança imaterial do estilo de vida do pai está presente, assim como os próprios clientes: quando aquele adoeceu, foram a ele transferidos. Ser do rio e cortar capim: “é porque a memória dos mortos e um recurso essencial para a identidade” (CANDAU, 2014, p.145).

Esta presença dos laços familiares se associa e é comum no estilo de vida dos pescadores. A vinculação com o espaço, com objetos pessoais, elementos da natureza, o fato de se criarem no ambiente da lida das pescarias, o convívio familiar estreito e a sua presença, lhes forma este sentido de pertencimento.

5.1.3 Fazer com arte

Para além de suas experiências com a atividade que integra a arte do pescar, entende-se que estão associadas a outra dimensão, ou seja, o desejo, o lúdico, as expressões em seus sonhos e emoções. Estes se apresentam no seu cotidiano de vida e são afirmados em suas memórias.

O fazer com arte, na noção de Maffesoli é:

[...] a maneira do estoico, não pretende agir sobre aquilo sobre o qual não tem domínio, fazendo agir sobre sua criação, sobre aquilo que está ao alcance de sua mão, sobre o cotidiano, o doméstico, o próximo, todas as coisas a partir das quais se pode fazer da existência uma verdadeira obra de arte (1995, p. 67).

Entende-se, que esta noção se associa ao ato de pescar, a um senso comum de todos pescadores, no cotidiano do seu trabalho, mesmo frente às adversidades encontradas. Nos relatos o elemento lúdico e os sonhos o ser pescador é um fazer que denota opção clara no modo de viver que se realiza na integralidade do tempo e no espaço na vida cotidiana, que fortalece a identidade de ser pescador.

Alberi: *Eu fiz um barco grandão, botei cabine, meus filho vem pra cá, eu levo eles junto pra pesca comigo, eles gostam da atividade também, só que não se transformaram em pescador que nem eu no caso né, mas eles vem, eu vou lá passo a noite, botemo rede, toma uns trago, toca violão a noite inteirinha, depois de dia pega uns peixinho e leva pra casa, assim a gente vai levando né, é bom, agora tem uma ilha ali que tem uma casa abandonada lá, aquela la é a nossa intenção, dá uma ajeitada nela.*

Darlei: *Quando eu era criança nos vinha para cá também, tomar banho aqui, fui gostando e gostando, até eu pelo menos pensava, "um dia vou morar aqui [Paqueta]", eu para mim aqui é o paraíso. Criei meus filhos aqui, nenhum é usuário de álcool ou drogas e coisas assim. Estão estudando.*

Gisele: *Eu gosto de morar eu prefiro mil vezes na beira do rio do que morar dentro da cidade, dentro de, gente muita gente, muita bagunça e na beira do rio não tem isso. Eu por mim morava até no meio da ilha, pra nós, pra nós é bom quem gosta é bom...é um silêncio que não tem outro lugar. Já morei em outros lugares, mas eu não me acostumei.*

Emília: *A gente pesca lá pra, pro rio Jacuí, atrás do Polo ali sabe, a água é mais limpa. Quando ele pega uma folga, nós ficamos 2/3 dia lá, tem fogão, tem tudo, eu gosto de ir sabe, não gosto de ir pra barraca, mas agora como a gente tem barco fechado, e fogão, tudo dentro, daí fica mais fácil de que, tira a barraca, bota a barraca, esses tempo mesmo eu tava na barraca e uma aranha do tamanho da minha mão assim ó, levantei a coisa assim da barraca, bem na porta assim, fui abrir o fecho, aquele baita aranhão, olha, foi por deus, cobra, mato, barraca é horrível tu ficar aqui, por isso que é bom ficar nas casa ou dentro do barco, daí o troço fica mais, fica menos perigoso né, mas barraca, ainda mais no inverno.*

Gui: *“Ainda mais agora com um barquinho com motorzinho, Deus livre, eu to, já comprei os material vou fazer uma casinha em cima dele [...] em dia de chuva fecha as portas, fecha as janelas”.*

Gisele (esposa de Gui): *“[...] fazer uma cabaninha ali nele [no barco] pra gente dormi”.*

Alemão: *“[...] tomemo gosto desde pequeno, eu sou doente por pescaria, sempre gostei de pescar”.*

Os pescadores expressam a sua emoção relacionada à melhoria da sua condição de vida, por exemplo, a compra de um barco fechado, um veículo de navegação com quarto, cozinha e banheiro. Elementos que aparecem como sonho de infância, como seus pais e pescadores também sonhavam, ou seja, com a segurança da família. Nas suas considerações, a Praia do Paquetá é um paraíso, espaço de memória familiar onde podem criar os seus filhos com tranquilidade e segurança.

A situação de melhorar de vida para os pescadores, poder ter um barco com motor e um dormitório, são fatores que trazem conforto, além dos filhos e crianças poderem acompanhá-los, o barco a motor traz alívio nas remadas intensas, que realizavam no deslocamento a longas distâncias nos rios, nos invernos rigorosos e a umidade nos acampamentos que trazem dificuldades e transtornos físicos. “A afiliação é uma fidelidade, um lastro de lealdade e obstinações cuja familiaridade e a de um grupo familiar” (CANDAU, 2014, p. 140). Trazem em suas memórias as lembranças dos seus pais e familiares, e reforçam as suas próprias histórias de vida, fortalecendo os seus laços, as suas relações e responsabilidades da transmissão de um modo de vida (CANDA, 2014).

5.2 Cotidiano do trabalho: estar junto, estilo de vida e fazer com arte

É no trabalho cotidiano que se realiza a integralidade da vida do ser humano (MAFFESOLI, 1995), a busca permanente de sua sobrevivência se realiza a dimensão do existir dos pescadores. Nesta dimensão, o seu ofício de pescador apresenta-se como sentido fundante. Mesmo com todas as dimensões das dificuldades que se apresentam neste modo de vida, e por certo, muitas vezes colocam em risco a sua própria sobrevivência pessoal. E comum que por muitas vezes combina a busca de alternativas de trabalho como estratégia de sobreviver, tanto individual ou de sua família. Há uma relação de identidade, que o rememora e ressignifica a vontade de ser um pescador ou pescadora (CANDAU, 2014).

5.2.1 Estar Junto

Sueli: [...] *ah nos pescamos tudo junto né, tudo em uma barraca, só que nos vamos pra umas ilhas aí, pra outro lugar aí, e daí cada um monta a sua barraca e cada um fica no seu canto. Outras atividades além da pesca, relata: “a reciclagem aqui, como agora a temporada tá fechada né e a gente não pode pescar agora, com carteira de pesca né. Daí a gente não pode ficar parado né, daí não dá pra pescar, se pescar aí eles pegam o caíque a rede tudo, a temporada tá fechada né, aí sim depois que abrir a temporada daí nos começamos tudo de novo e é assim que funciona o nosso serviço.*

Paulo: Não, não é muitos poucos pescam aqui na frente e muito cômodo pescar na frente de casa e o desafio do pescador tem que ter desafio de pescar longe..o que é economicamente viável e rentável né, então o pessoal aqui pescam muito dentro do parque Delta do Jacuí, pescam direto dentro do parque aí dentro do parque é muito grande cada um tem mais ou menos seus pontos e eles se revezam entre eles os pontos.

Nelson: [...] *é de quem chegar ali ficar acampado ali e deu, se chegar, vamos supor eu acampo sempre naquele lugar eu vou lá, se eu passar e tiver um lá eu não vou encostar lá porque já tem gente acampado lá naquele lugar que eu ia, então eu vou ao ganho de outro lugar e assim vai sempre respeitando os limites de pesca do outro né, que é bem distantzinho né de cem, cento e cinquenta metros mais longe né, que o outro que está pescando mais abaixo e assim vai.*

Sobre a função de presidente da Associação de moradores e pescadores e a invisibilidade do ofício de pescador no município de Canoas, **Paulo** conta:

se organizaram mais, respeitar os limites entre um e outro, o meu direto vai até onde começa o teu né, e assim como a associação a gente começou a buscar além do reconhecimento né, ham que no nosso município não constava como se tivesse essa atividade ná da pesca a gente foi buscar o reconhecimento.

[...] a saída pra pesca não se sai sozinho, apesar que tem alguns que saem sozinhos, mas, não se sai sozinho sempre é de grupo duas, três famílias junto, acampam junto uma do lado da outra mas, cada um com seu material e um ajuda o outro, só que o peixe que pegou na minha rede é meu e o que pegou na tua é tua, é teu.

[...] é geral por tudo se tu sair no rio dos Sinos tem vários acampamentos até passando o zoológico, se tu ir no rio caí tem vários acampamentos até passando a ponte da Tabáí, se tu ir pelo Jacuí aqui é eu acho que a cada quinhentos metros, trezentos metros tem um acampamento.” As regras na pescaria: “eu posso emendar a rede com meu vizinho o peixe que deu na minha rede é meu o que deu na rede dele é dele. Porque às vezes a gente faz lances de dez, quinze redes uma emenda na outra é a gente bota uma rede de um e do outro ali, e a coisa mais engraçada mesmo misturando os peixe tudo ali a gente não se perde.

Os desafios de percorrerem territórios e buscar a melhor pescaria possível (o custo e benefício) pescam para ganhar a vida, este espaço e este território têm nas suas relações uma carga afetiva e emotiva (RIEPIER, 2006).

Compreende-se que o vínculo individual e social se realiza na função de ser pescador, a integração no convívio e um espaço compartilhado em uma existência comum, a lealdade é

um dos elementos do “estar junto” que contribui na organização das pescarias. O senso comum do pescador é um “fazer com arte” e “estar juntos” (MAFFESOLI, 1995).

5.2.2 Estilo de Vida

Alemão: “[...] Três dias da semana trabalho no capim, no capim e 'os caras' vem buscar no dia, a encomenda. Saio para pescar, largo as redes, volto para barraca, faço café, uma coisa ou outra, a noite ficamos na barraca conversando”.

Darlei: [...] acampo também, tenho o barco que é grande, tem cama dentro, mas daí é ancorado, pesco muito pro lado de Santo Amaro e o Rio dos Sinos eu pesco também né, só que o Rio dos Sinos é daquela mortalidade de peixe que deu lá em cima, que destruiu lá, o pessoal quando vem comprar peixe aqui eles falam muito do rio, falam muito do rio, teve uma época assim que foi muito difícil a venda pra nós, de peixe aí, por que eles vinham aí e achavam que o peixe tava contaminado né, pela mortalidade.

[...] depois tem que fazer almoço, almoço vai pro barco pequenos pra começar a iscar umas duas horas, duas horas e meia iscando espinhando e procuro os lugar onde as carpa capim ela, a carpa capim ela come o capim né” e as estratégias de pesca e as maneiras de pescar: “então onde tá baixo eu procuro ver onde foi comido delas eu faço uma ceva daí eu faço um monte, umas quantas cevas no lugar amarrado numa cordinha, amarrada nas folhas de coqueiro e amarro numa árvore e deixo ela ali e vou lá vez no dia pra ver se elas estão comendo se eu vê que elas estão comendo eu cevo de novo e vou a noitinha lá aí tem que ser um caico de madeira, uma rede de cinco metros de altura, pano fio cem bem grosso e amarro a rede bem no barranquinho e faço um circo e amarro a ponta no outro lado da barranca aí entro com o caico e bato elas tentam fugir e se prendem tudo na rede, até eu tenho umas fotos ali de carpas, tem umas fotos ali, mas a carpa mais grande eu emprestei a foto pra um amigo meu eu peguei uma carpa de vinte e sete quilos dava da minha altura, é largar a rede ali, procurar ver onde tem os aguapé bom pra, pode ser que elas teje por ali né.

Sueli: [...] nós pescamos em tudo que é lugar. Ah muitos lugares pra lá pra fora como rio e coisas assim. Nós pescamos com muitos materiais né, redes, espinhel e acampamos e ficamos semanas e semanas. E assim, tá meio ruim agora não, eu só, assim rede a gente compra já feito né pra pescar, os pinhal meu marido faz né. Então a gente já compra feito ah, daí nos coloquemos as redes e espinheis na água tudo né, pegamos uns peixinho e acampemo só.

[...] é que no inverno que é na enchente da mais é traíra e jundiá, nas águas cheias né, e nas águas baixa mais é piava, pintado, grumatã esses peixe de escama. Ainda sobre as cheias no rio: “pra quem é pescador adora uma enchentizinha.

Gisele: [...] porque a gente não para, a gente faz isso, isso e aquilo e larga ali e depois vai e recolhe chega em casa stressada, cansada. A mobilidade ao longo do rio, para **Gisele:** mas nós já estamos acostumados já, nós vínhamos lá de Santa Rita quando nós morávamos lá e as vezes tava rum esse rio aqui, e a gente vinha de lá pra cima e de lá nós vinha de ponta a ponta até chegar em casa. Já pegamos raios, trovoadas no meio do mato que a gente só via caíndo e nós rezando na barraca pelo amor de Deus cai em outro lugar e não cai em cima de nos que nos bem no meio da ilha não tem lugar nenhum pra correr, esses meus ficavam louco pra correr.

Gui: [...] hoje botemo uns pinhal, umas rede nós peguemo, amanhã não,

amanhã vamo botar no mesmo lugar pega um dois claro o peixe é andarilho ele anda onde ta o material ali ele passa ali pegam isca, pegam na rede, quando vê tem que bota mais pra frente ainda e lá vai passar outro cardume.

Gisele: [...] “mas tu tem que saber se o peixe está na beirada ou se o peixe ta no fundo, as vezes o peixe ta na beirada, as vezes está no fundo e não ta na beirada. Ai o que a gente faz estica uma pau a pau até saber onde é que tá, o pintado é mais no fundo porque a traíra ela sai caçar né, a traíra ela vai mais para a beirada pra caçar os lambari dá até hoje eu não achei melhor do que isso não ai não..”

Miro: [...] eu pesco todos dia, só o dia que eu encerro é sábado e domingo, sábado e domingo, eu sempre saio segunda e pesco até quarta, quarta e quinta, e depois de quinta ou quarto, eu peço pra nós vorta pra casa.

[...] a vida de pescador eu gosto, só tem uma coisa homi, tudo que é trabalho, tem que ter compromisso, não adianta você vir hoje, e “a eu vou largar isso aí” não da, não, tem que ter compromisso, é a mesma coisa que quando o senhor trabalha em uma firma, até se aposentar.

Paulo: [...] ai como agente tava sem trabalhar o rio passa na frente da tua casa, tu tem uma linha, um anzol e uma redinha o que tu vai fazer, vai pescar, e aqui as pessoas vem procurar o pescador aqui pra comprar o peixe porque aqui é mais barato do que tu comprar no mercado, e aqui tu compra o peixe vivo se mexendo, no mercado é difícil tu comprar um peixe vivo fresquinho assim e a gente foi, quando a gente trocou o nome da associação que era de moradores para associação de moradores e pescadores né, foi bem lá por dois mil, dois mil e cinco acho, dois mil e quatro que mudou o código civil e a gente aproveitou a deixa e já incorporamos. E ai pesca daqui, pesca dali, mas eu sempre como sou técnico né, eu sempre dei assessoria técnica e do assessoria técnica até hoje isso ai aumenta a renda né.

[...] geralmente o acampamento é bem como ele é, chega assim, monta em uma margem do rio, monta a barraca, faz uma cozinha só pra todos, a gente divide, um leva uma coisa outro leva outra, todo mundo leva tudo chega lá e faz pra não fazer dois tipos de comida faz um só, faz comida.

[...]O papel da mulher pescadora e os reflexos da sua saúde no relato de Paulo: “Quando a gente chega em casa quem conserta a rede ,quem limpa o peixe,quem prepara o peixe ,naquelacomercializa o peixe geralmente é a mulher e aqui na nossa vila não tem uma das mulher aqui,nem uma não já tenha se encostado,que não está encostada,que não foi aposentada por invalidez porque judia da mulher é um serviço pesado demais pra mulher.

Paulo: [...] já fizemos grandes pescarias aqui a maioria são pescarias são fracas , mas são já fizemos grandes pescarias .Ha poucos dias atrás na enchente eu e meu vizinho a gente em duas semanas de enchente deu mais de mil quilos de peixe lindo.

[...] né, ai tu faz a conta assim vende baratinho a sete reais, seis reais o quilo quanto da mil quilo?

Miro: [...] é, então temo esperando pra ver se melhora nessa desova, que dá essas desova pode ser que de uma aumentada, que vá aumentar, por enquanto não apareceu nada ai, tem mais é traíra, jundiá, pintado, isso ai tem bastante, branca, grumatã, isso ai tem bastante, mas essa qualidade de peixe ai, essa piava ai, outro peixe, e o bagre que entra na lagoa, nessa época pra desovar, o bagre vem do mar, ela vem pra água doce pra desovar, então ele entra bastante nessa época do ano pra desovar, o peixe mais procurado aqui é a traíra e o jundiá, o jundiá dá sempre.

[...] por que daí eu faço filé, corto ela e faço, já deixo retaiadinha, que tem pessoa que pega o peixe e não sabe nem retaiar um peixe, ai não sabe nem retaiar um peixe ai, tem espinha demais eu não quero, não sabe retaiar o peixe, por que todo peixe tem espinha, só o único peixe que não tem espinha na carne é o jundiá e o pintado, a traíra tem espinha na carne, o grumatã tem espinha na carne, a branca tem espinha na carne, ai tem de retaiar ela, corta bem miudinha, o jundiá e o pintado não, eles não tem espinha na carne, daí é só o espinhaço deles e as, aquelas,

costelinhas como se diz, não te aquela espinha na carne, por isso que o pessoal gosta mais, por que não tem que limpar, e pra dá pra criança é melhor né.

Alberi: Viajei bastante, trabalhei numa firma chamada perfil por oito anos, colocando esquadrinho de alumínio, por esse mundão a fora bem dizer, saí daquela firma, me tornei caminhoneiro. Hoje trabalho de vigilante a noite, uma noite sim e outra não, então nesse dia de folga, nessa noite de folga aproveito pra ir pescar. [...] eu tenho um novo ali atrás que fui eu que fiz de madeira, faço tudo, e cuido também, tem um monte de caíque e lancha guardado lá embaixo da casa. Ainda alugo para quem vem pescar de linha. Vendo peixe na volta, vendo quem compra esse negócio de vendedor de peixe eles vendem, aí o cara vende também faz anos que o cara vende peixe.

Emília: [...] porque viver da pesca mesmo não dá pra viver só da pesca, agora parece que a colônia de pesca tá querendo fazer que a gente seja pescador exclusivo da pesca, não pode ter outra renda se não perde tudo, isso aí também o Paulo, presidente da nossa Paquetá tá batalhando pra ver se continua normal, por que tu tem que vender um gelo, tem que vender um, não é só o peixe sabe, então a gente tá nessa luta aí, e vai indo, vai levando a vida.”

[...] a gente abriu uma tenda daí, a gente vende uma bebida, uma coisa ali, até abrir de novo, e vamo de novo daí, alugo, quando o meu tá parado, porque eu tenho na realidade são quatro barcos.

Gui: [...] não, não, só o meu sogro que tem o botequinho dele ali e ainda não conseguiu porque a água destruiu tudo pra Gravataí e limpamos tudo essas beiradasai. E agora segunda feira foi um caminhão ate em cima de reciclagem do rio, (sobre os barcos que cuidam) esses só vão pra veraneio eles vem aí pintam arrumam pra i pro verão lá pras ilhas lá fazer churrasco e pescar de caniço, de vez em quando eu faço uns bico lá pros guris lá eles vem me buscar aí e aí tá pescando? eu disse não “então vamo com nós que tem uma obra pra fazer eu disse ta então vamo então eles pegam e me levam lá eu fico uma semana trabalhando e volto.

Nelson: [...] quando eu vim pra cá, eu me criei aí pescando peixe pra cima e pra baixo aí, quando tava no período que não podia pescar a gente fazia uns bico por fora assim, tipo vender uns picolé, vende uns salgadinhos e assim vai. Vendia uns milho verde pros outros pra ganhar um dinheirinho, pia né, o cara gosta de ter um dinheirinho, então eu trabalhei um bom tempo em barcos de areia né, trabalhei um bom tempo em barcos de areia

Miro: [...] Eu fico bem louco, eu não posso ficar sem, eu peguei esse serviço aí pegar um serviço em Porto Alegre, bem bom o serviço, era parafrasear limpeza lá dentro, cuidar de uma máquina lá, rapaz chegava de tardezinha ,eu olhava o sol descendo assim, eu disse meu Deus ,que eu quero aqui na cidade, fica aí cheirando a fumaça de carro, aí eu disse pro gerente ,sabe de uma coisa ,eu vou largar isto aqui, que eu quero ficar preso dentro de um pavilhão.

[...] eu tava com trinta anos e o meu organismo de 70 pra ter uma ideia né... o médico sugeriu que eu saísse do emprego ia me matar... vim morar na Praia aqui... aí como estava sem trabalhar o rio passa na frente da tua casa, tu tem uma linha , um anzol é uma redinha o que tu vai fazer vai pescar.

[...] os meus caico que eu alugo aqui, eu alugo aí, eu digo pra pessoa “aqui ó, primeiro lugar, eu não alugo mais sem colete agora, se tiver colete eu alugo” no verão é assim, eu alugo caico, tem colete? a Não tem” mais um peixinho que a gente vende aqui, mais umas coisinha aí, tem dia tira uns 500 pila por dia, aí na semana” sua esposa acrescenta: agora ele chegou e trouxe uns 60kg, sábado se ele não pescar não tem mais, por que isso daí ele vai pescar, do dia primeiro até dia 18 por aí a nossa venda é melhor, dia 15 por aí.

Miro: [...] até se botar peixe assado na festa nossa senhora dos navegante, a festa que eles fazem aí, se botar vende bastante, mas eu não boto, vendo uma bebida,

vendo uns pastel, um troço ai, aquela vez a mulher com o calorão não tava muito afim de fritar o peixe, daí a agente bota uns troço pra vender ai, os guri as vezes fazem almoço, tem uns ano que eu já botei armoço pra vende ai, assemo galeto né, daí cobra 10 pila do almoço ai, almoça ai, passa o dia ai, daí ano passado a mulher já me (?) ai, fez milho de panela né.

O que para muitos pode ser uma tormenta, quanto ao período das enchentes, para os pescadores é um momento oportuno para boa pescaria, o movimento das águas ao longo dos rios proporciona a presença e renovação de cardumes de peixes. Outro traço é a busca de rendas alternativas entre os familiares, como colocar pequenos bares, locação de espaços nos pátios para barcos de veranistas ou a locação de caíques, colher capim, coletarem lixo ao longo dos rios, ou ainda realizar trabalhos autônomos em outras atividades produtivas, alguns se dedicam exclusivamente a vida de pescador quando se aposentam. Assim é a reprodução de certos ritos no trabalho e a manutenção coletiva de determinados saberes referenciais, produto das suas vivências em seu cotidiano no mundo do trabalho (CANDAU, 2014).

Percebe-se, a valorização contemporânea do cotidiano, sente-se a correspondência, a participação de um com os outros, de um conjunto mais vasto. Todas as diversas massificações, as emoções coletivas, as festividades, as atrações tribais e outras modas de vestir, de linguagem e de gestos nada mais fazem do que indicar, a pregnância de um estilo de vida no qual não se pode escapar (MAFFESOLI, 1995).

5.2.3 Fazer com Arte

Gui: “[...] o sonho é pesca pro resto da vida, que eu não tenho mais nada de sonho, e vai levando assim a vida, velando devagarzinho e pescando, trabalha dali trabalha daqui e vai indo”.

Emília: “[...] “não tenho mais medo de ficar sozinha porque o barco é fechado né, eu tinha medo das barraca, das barraca, bah, eu não dormia a noite toda nas barraca”.

Darlei: “[...] e o ofício de ser pescador: “porque eu gosto, ve minha carteira de trabalho ali, se eu te mostrar ali tu vai ver que eu nunca trabalhei na minha vida de carteira assinada já tinha arrumado, eu já fui barqueiro, to bem embarcado, voltei pra pesca”.

Na perspectiva de Maffesoli (1995), fazer com arte é uma noção presente nos relatos dos pescadores, o querer viver se expressa na escolha de “ser um pescador”, na vontade, do gostar, do prazer de fazer. Corrobora nas relações familiares que fortalece a união perante o trabalho, como Halbwachs defini a comunidade afetiva. Nestes momentos fazer com arte é

uma possibilidade presente nos sonhos e desejos que os mobilizam diante as suas dificuldades que lhe são apresentadas.

O fazer com arte é uma noção presente no querer viver em ser pescador, na no gostar e no prazer em fazer com arte o seu ofício. Nesta perspectiva afirmativa no seu fazer, modela as suas ações no cotidiano em serem pescadores. Em muitos casos exerceram outras atividades laborais, ou voltaram a ser pescadores, ou muitos foram sempre pescadores. O fazer com arte integra está perspectiva em suas vivências no doméstico e no próximo que os integra no seu dia a dia. Como diz Maffesoli (1995), “fazendo agir sobre aquilo que está ao alcance da mão, sobre o cotidiano, o doméstico, o próximo e no nicho do doméstico que se pode resistir às diversas imposições” (p. 68-69).

6 ENSAIO VISUAL

A ideia de criar um ensaio visual que ilustrasse o presente trabalho nasceu da necessidade de encorpar a memória trazida à tona pela pesquisa. Através deste ensaio fotográfico, realizado em saídas a campo e durante as entrevistas presenciais com os pescadores da Praia do Paquetá, confirmou-se a real importância de incluir a fotografia em um trabalho como este. Segundo Roland Barthes (1984), as imagens capturadas em uma fotografia podem despertar “animação e aventura”. Nessa perspectiva, foi possível constatar que o inventário fotográfico veio robustecer o relatório escrito do levantamento obtido através da mera observação e das entrevistas. Isso corrobora a teoria de Barthes, especificamente, quando este refere que a fotografia é um certificado de presença, é o gene novo que, desde sua invenção, foi introduzido na família das imagens. “A fotografia, pela primeira vez, fez cessar essa resistência: o passado, doravante, é tão seguro quanto o presente, o que se vê no papel é tão seguro quanto o que se toca. É com o advento da fotografia – e não do cinema – que se partilha a história do mundo” (BARTHES, 1984, p. 130).

O presente ensaio fotográfico compartilha o cotidiano dos pescadores do Paquetá, uma comunidade que poderia atravessar a sua existência como invisível, visto que se encontra como que escondida numa cidade urbana e desenvolvida, situada no coração da região metropolitana. O dia a dia, as práticas, as vivências e as sociabilidades dos seus habitantes não suficientemente reconhecidos. Sendo a Praia do Paquetá conhecida principalmente por seus aspectos religiosos e de lazer por parte da comunidade canoense, a presença ali de uma comunidade de pescadores é percebida quase que somente por um conjunto reduzido de usuários e visitantes, a saber, os consumidores de pescado. Essa comunidade está a merecer o lugar de destaque que lhe é devido na memória cultural do município de Canoas.

Algumas das funções mais relevantes da fotografia são informar, representar, surpreender, fazer significar e dar vontade (BARTHES, 1984). Com o intuito, pois, de colaborar para o redimensionamento da comunidade que, nessa praia do bairro Mato Grande, vive e sobrevive do ofício da pesca, bem como de trazer mais fortemente esse cotidiano para a cena pública da cidade, aqui são apresentados registros fotográficos dos modos de vida dos pescadores habitantes do Paquetá.

6.1 Maffesoli e as liberdades relativas

Assim como, em outras esferas da vida, nas quais o aspecto individual e o aspecto coletivo, de certa maneira, animam e entrelaçam o estar e o viver em comunidade, os pescadores da comunidade do Paquetá, mesmo na simplicidade de um ofício milenar, relatam em suas narrativas suas experiências de vida, referindo, por vezes, como se sentem frente às dificuldades econômicas e seus condicionamentos. Falam do ânimo que os sustenta na sua aventura diária e de como enfrentam os embates da sobrevivência. A percepção desse cotidiano, que o autor do presente trabalho obteve através das narrativas desses indivíduos, ecoa as afirmações de Maffesoli (2014, p. 23): “por notar demais a vida alienada, por querer demais uma existência perfeita ou autêntica, costuma-se esquecer, de maneira obstinada, que a cotidianidade se fundamenta em uma série de liberdades intersticiais e relativas”. É a partir desse lugar, imbuído desse mesmo modo de sentir que, a seguir, compartilham-se imagens visuais e escritas do cotidiano de pescadores, bem como suas memórias do dia a dia.

6.1.1 Cotidiano dos Pescadores

Na manhã de 16 de março de 2014, realizou-se uma caminhada em toda a extensão da Praia do Paquetá. Os pescadores iniciavam sua jornada diária. A pesca, muito cedo, já havia sido realizada e, então, eles começavam a limpeza dos peixes (Figura 2).

Figura 2 – Cena do cotidiano de um pescadores limpando peixe



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2014.

Os rios e seus deslocamentos constituem a rotina de todos os dias. Os pescadores, assim como os próprios peixes, buscam seus alimentos, coletam a safra de cada dia. Essa busca dá sentido às suas vidas e lhes confere identidade: os pescadores e seus saberes, numa espécie de liturgia diária, são a síntese de um mundo ímpar. Após a limpeza dos peixes é o momento de revisar as redes e o material da pesca. (Figura 3).

Figura 3 – Pescadores revisando as redes para pescar



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2014.

Na sequência, em outro dia, observou-se a chegada dos pescadores, vindos de um acampamento (Figura 4) realizado em uma das Ilhas do Delta do Jacuí. O acampamento em grupo é parte uma rotina muito presente no cotidiano desses homens, acostumados que são a viver e trabalhar juntos. Nessas ocasiões, também lançam suas redes em conjunto, partilham o produto de sua lida, respeitando o que é de cada um – é da sua natureza esse jeito de conviver, forjado pelo próprio ofício.

Figura 4 – Chegada dos pescadores do acampamento



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2014.

Eram dois barcos de pescadores: em um, o grupo liderado por Miro, acompanhado por mais dois colegas, tinham pescado cerca de cinquenta quilos de peixe; no outro barco, estava sozinho o irmão de Miro, o Alemão, que pescara cerca de trinta quilos. (Figura 5).

Figura 5 – Trinta quilos de peixes, resultado de uma pescaria



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2014.

Conforme Rieper (2006) a percepção do rio tem significado de seguimento da organização do mundo, desde referencias conhecidas, tais como: barco, mobilidade, peixes, água, lembrança e conhecimento pessoal. Observou-se, a seguir, novo grupo (Figura 6), que organizava seus mantimentos e apetrechos de pesca e conferia o sucesso na pescaria.

Figura 6 – Grupo na chegada do acampamento recolhendo seus materiais



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2014.

Ao caminhar pela praia do Paquetá, observou-se o pescador Antônio, que acabara de retornar de uma pescaria e realizava, junto com (Figura 7) um seu colega, a limpeza dos peixes à beira do rio.

Figura 7 – Limpeza dos peixes à beira do rio



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2014.

Em frente a sua residência, nesse mesmo dia, o pescador Antenor (Figura 8), junto com a esposa, realizava cuidadosamente a manutenção de suas redes, estendidas ao longo do pátio. Essa é uma cena muito comum na localidade.

Figura 8 – Pescador fazendo a manutenção de sua rede



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2014.

Darlei, igualmente com sua esposa, fazia a manutenção do seu barco em terra. A presença dos laços familiares na vida dos pescadores é uma constante. Boa parte das esposas são também pescadoras e são filhas de pescadores.

Depois do retorno do acampamento, dois barcos de pequeno porte, já aliviados do peso do produto da pescaria, permaneciam carregados de apetrechos laborais, atracados à margem do Jacuí. A esperança da boa safra que vai garantir a alimentação da família e o sustento de cada dia acompanha os pescadores a cada saída para as águas: ela aparece estampada não apenas em seus rostos; está impressa no casco da embarcação – não os abandona nunca. (Figura 9).

Figura 9 – Barcos ancorados com material de pesca



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2014.

Periodicamente, em razão das cheias das águas, o rio Jacuí joga de volta para as margens diversos objetos; alguns que os próprios pescadores deixam escapar e outros, aleatórios, que vendedores ambulantes e alguns frequentadores da Praia jogam no rio ou restos que deixam em suas margens e são por ele carregados e depois devolvidos. (Figura 10).

Figura 10 – Um dos objetos que o rio devolve para a praia



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2014.

6.1.2 A estética do morar à beira de um rio

Na Praia do Paquetá, predominam as residências, no formato das palafitas (Figura 11), adotado para enfrentar o ciclo periódico e anual das cheias. Essa adaptação instintiva e inteligente foi imprescindível para a segurança e conforto das famílias.

Figura 11 – Residências adaptadas diante as cheias que ocorrem anualmente



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

Os variados modelos das residências erguidas sobre palafitas constituem uma estética peculiar. A flora local, que adorna e enche os olhos, completa o cenário (Figura12).

Figura 12 – Beleza natural na moradia de um pescador



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

Durante uma entrevista com Alemão, observou-se mais uma típica casa local (Figura 13) no estilo palafita, num dia de sol, e numa literal ilustração do autêntico cotidiano das famílias dos pescadores do lugar.

Figura 13 – Residência de um pescador



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

No interior do galpão da casa de Antenor (Figura 14), foi possível apreciar uma coleção de artefatos expostos, todos eles instrumentos de trabalho, tais como redes e ferramentas. Alguns desses artefatos servem de ornamento; e outros, ainda utilizados na lida diária do ofício, são cuidadosamente organizados.

Figura 14 – Galpão da casa de um pescador com seus utensílios de trabalho



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

6.1.3 Cotidiano das cheias

Anualmente, as cheias paralisam quase todas as atividades humanas urbanas e rurais na Praia do Paquetá: algumas habitações não adaptadas ficam bloqueadas (Figura 15); as estradas, submersas; e as ruas, tomadas pelas águas das enchentes. A cheia do Rio dos Sinos, a primeira grande enchente de 2015, segundo o jornal Zero Hora, ameaçou as quase sessenta famílias que moram na região da Prainha, no Bairro Mato Grande, em Canoas. Conforme o coordenador da Defesa Civil na época, Coronel Pacheco, o vento sul – que represa a descida da água no Sinos – aumentou consideravelmente o nível da água.

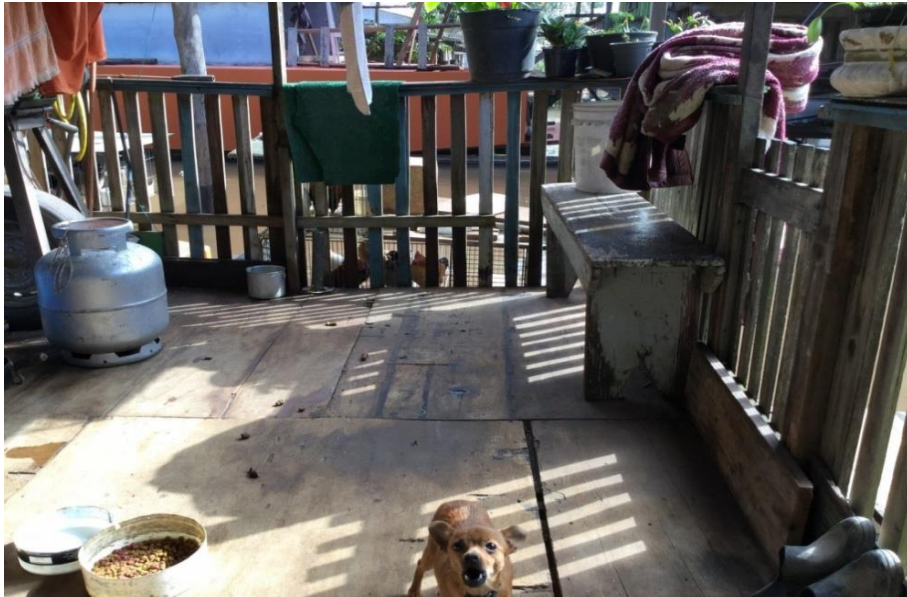
Figura 15 – Rua tomada pela enchente



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

Na observação realizada em uma saída de campo feita nessa ocasião, verificou-se que a atmosfera na comunidade era de integração e solidariedade. Havia um ânimo de colaboração, de organização e irmandade. A associação de bairro e os moradores se integravam. Os atendimentos de saúde realizados pela Secretaria de Saúde e a Defesa Civil do município de Canoas não foram numerosos, não havia clima de tristeza e protesto por causa da enchente, mas sim uma disposição de agir com naturalidade, nos padrões do cotidiano, em relação às águas que haviam invadido as moradias e demais construções da comunidade local. Incluem-se nessas ações os cuidados com os animais (Figura 16).

Figura 16 – Cuidado com os animais domésticos durante as cheias



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

A movimentação era de um cotidiano normal de ribeirinhos que já se haviam acostumado àquele fenômeno natural. Talvez seja a manifestação de uma espécie de DNA, de tempos de outrora, de ritmos bem menos urgentes e velozes. O clima atmosférico e o tempo das coisas possíveis regulavam, em sintonia, o clima do sentir e do agir do humano. Presenciou-se o momento em que uma avó alcançava seu neto de quinze dias, nascido no Paquetá (Figura 17), para o exame médico de rotina. A Defesa Civil e Secretaria de Saúde e seus profissionais estavam ali presentes.

Figura 17 – Exame médico de rotina improvisado junto aos ribeirinhos



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

Depois dessa cheia, houve outra ainda pior; porém, não foram realizadas observações de saída de campo, no dia 12 de outubro de 2015, quando acabou ocorrendo a pior cheia do ano. Ainda na mesma semana, no dia 15 de outubro, ocorreu uma chuva com granizo, que danificou telhados de muitas casas em Canoas. Na Praia do Paquetá, além dos destelhamentos, o nível das águas ficou acima do normal, provocando cheias que invadiram as propriedades, os espaços de lazer e os estabelecimentos comerciais em geral (Figura 18). Segundo a assessoria de imprensa da Prefeitura de Canoas, 10 mil residências foram danificadas pelo granizo. Registraram-se 81 milímetros de chuva, mais de 70% do volume esperado para todo o mês de outubro, que é de 114 milímetros.

Figura 18– Espaço de lazer tomado pela enchente



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

6.1.4 *Nos tempos de Piracema*

O projeto “Pescando o Lixo”, em Porto Alegre, tem a iniciativa da Colônia de Pescadores Z-5, da Ilha da Pintada. Anualmente essa atividade é realizada durante o período da Piracema (novembro, dezembro e janeiro), época em que a pesca é proibida em função da reprodução dos peixes. A Piracema ou período de defeso, como é chamado por alguns pescadores, é a fase em que os peixes deixam as lagoas, as baías e as áreas de alimentação em busca de um local adequado para a reprodução e desova. Foram mais de 25 toneladas de lixo

recolhidas ao longo do Lago Guaíba, por pescadores que participaram da Ação Social (Figura 19): cada barco de pescador recebeu uma cesta básica e óleo combustível (Figura 20).

Figura 19 – Projeto pescando lixo, em tempos de piracema



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

Figura 20 – Barco de pescador recebendo combustível para participar do Projeto “Pescando o Lixo”



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

No que diz respeito à Praia do Paquetá, há que se levarem em conta alguns outros fatores. Com a crescente poluição, que vem ocorrendo desde 1950, de forma indireta, devido à urbanização da região metropolitana, por meio da mineração, da agricultura e dos esportes náuticos, e também devido às poluições domésticas e industriais, a pesca artesanal passou a ficar comprometida. Em função disso, os pescadores locais tomaram a iniciativa de participar do recolhimento de material reciclável no Lago Guaíba, no período da Piracema; essa é também outra fonte de renda, fato esse relatado no fórum Delta Jacuí, através do Projeto “Pescando o Lixo” (DE PAULA, 2013).

Todo ano se repete esta atividade: os pescadores do Paquetá se reúnem aos poucos, bem cedo da manhã (Figura 21), começam as suas coletas nas margens do Rio do Sinos e depois seguem para outras ilhas, até o ponto de chegada, na Colônia de Pescadores.

Figura 21 – Pescadores se reunindo e colocando o barco na água



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

6.1.5 Outras estratégias de sobrevivência

Os pescadores, a fim de complementarem sua renda, mantêm pequenos estabelecimentos comerciais (Figuras 22 e 23) e bares, onde vendem peixes, bebidas e lanches, atendendo à população local e aos visitantes, que utilizam a praia para lazer.

Figura 22 – Bar do pescador Miro, uma das estratégias de sobrevivência



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

Figura 23 – Estabelecimentos comerciais



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

Um povoado simples, que vive no entorno do rio e subsiste do comércio de pescado e de gelo, de alugueis de barcos, com exceção de alguns, que trabalham na “cidade”. De acordo com Maffesoli (2014) esse é o cotidiano como condição de lugar, que leva-nos a conjecturar sobre a cultura de sentido do lugar pela sociedade. Sentido esse cunhado pela população e

moldado pelas relações, pelos hábitos e as amizades do dia a dia como reprodução.

Dentre as atividades econômicas que mantêm as famílias locais estão a pesca e a reciclagem, sendo que, durante o verão, o comércio de bares é mais explorado (Figura 24), já que a Praia do Paquetá recebe um grande número de visitantes em busca de lazer.

Figura 24 – Estabelecimentos comerciais



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

“O lugar é o mundo do veraz, a extensão do acontecer homogêneo, ou o acontecer solidário”: Santos (1996, p. 36) assim se manifestou ao denominar como “espaço banal a esfera de entendimento do espaço em que o tempo cotidiano compartilhado se soma ao tempo da coexistência da diversidade” (idem, ibidem). Em uma nova visita à Praia do Paquetá, verificou-se outra atividade exercida por um dos pescadores, que vai às ilhas em busca de rendimento extra: recolhe (Figura 25) capim para fornecer como pasto a criadores de cavalos e CTGs e DTGs.

Figura 25 – Morador chegando com a coleta de capim das ilhas



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

Alguns pescadores alugam espaços no pátio de suas residências para tomarem conta de barcos de passeio de visitantes (Figura 26).

Figura 26 – Outro meio de sobrevivência: aluguel de espaço para barcos de visitantes



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

Uma parte da população utiliza a área apenas como alternativa de moradia, obtendo sua renda em empregos em outros locais. Mais que trabalho, feito uma utopia, é preciso que

haja simetria de singularidade e complementaridade (Autoria Própria, 2016) para sua sobrevivência. Pescadores preparam suas iscas, para a próxima pescaria (Figura 27).

Figura 27 – Pescadores preparado iscas na beira do rio



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

Enquanto os pais estão exercendo seu ofício, as crianças usufruem os espaços: umas aproveitam as praças (Figura 28).

Figura 28 – Crianças no espaço de recreação na beira do rio



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

Figura 29 – Trapiche próximo a santa



Fonte: Fotografia produzida pelo autor, 2015.

Tal e qual pescadores do tempo, que analisam e observam o comportamento dos rios que banham os centros urbanos – onde os movimentos da natureza, alterada pelo modo de vida agressivo dos humanos que habitam a selva urbana, integram e desintegram os movimentos do pescar –, nossos pescadores e seus rios, com seu comportamento pautado pela expectativa e pela esperança, continuam na sua luta pela sobrevivência de ambas as vidas. Como nas palavras de Barthes (1984): “se eu gosto de uma foto, se ela me perturba, demoro-me com ela; o que estou fazendo durante todo o tempo que permaneço diante dela? Olho-a, escuto-a, como se quisesse saber mais sobre a coisa ou a pessoa que ela representa” (BARTHES, 1984, p. 84).

7 EXPOSIÇÃO ITINERANTE “COTIDIANO DOS PESCADORES DA PRAIA DO PAQUETÁ”

7.1 Apresentação

A exposição itinerante “Cotidiano dos Pescadores da Praia do Paquetá” consiste na produção de exposição visual de mesmo título, cujo objetivo é levar a compreensão do modo de vida, das estratégias de sobrevivência e das experiências dos pescadores da Praia do Paquetá para fora dos muros do UNILASALLE. Construiu-se a exposição a partir das memórias desses indivíduos, traduzidas em imagens com breves narrativas, no intuito de evidenciar e valorizar as semelhanças entre os diferentes saberes. A exposição será realizada em diversas escolas do município de Canoas, tanto públicas (estaduais e municipais), quanto particulares. Dessa forma, pretende-se ampliar o acesso ao conhecimento gerado na instituição do UNILASALLE, estimular vocações científicas e, sobretudo, contribuir para a expansão de uma consciência crítica e o exercício pleno da cidadania.

7.2 A Praia do Paquetá e seus pescadores

A Praia do Paquetá localiza-se na margem esquerda do Rio dos Sinos, Bairro Mato Grande, na cidade de Canoas, RS, e está integrada ao Parque Estadual Delta do Jacuí (PEDJ), uma das maiores Unidades de Conservação (UC) do Estado. As comunidades da área continental do Delta do Jacuí costumam pescar no seu entorno, mas, muitas vezes, se deslocam para os rios que deságuam no Delta (DE PAULA, 2013). De acordo com Fonseca (2005), essas comunidades dependem da pesca artesanal e hoje lutam por um espaço ora disputado pela aquicultura industrial, ora vendido como produto pela indústria turística.

A Praia é considerada ponto de veraneio desde 1874, a partir do momento em que os primeiros moradores chegaram ao município, e, atualmente, de acordo com a Prefeitura Municipal de Canoas, recebe durante o verão, cerca de mil pessoas aos finais de semana. Segundo relatos dos pescadores, a utilização do local para fins turísticos e de lazer não interfere na atividade de pesca. É também um espaço frequentado por pessoas de diversos segmentos sociais e utilizado por seguidores de diferentes confissões religiosas, para a prática de rituais e celebrações, tais como a Procissão da Nossa Senhora dos Navegantes, os batismos nas águas e demais cerimônias afro-religiosas.

Uma abordagem antropológica do cotidiano de pescadores, seja onde for que estejam localizados, tende a ser, por si só, muito enriquecedora. As narrativas dos pescadores artesanais que habitam a Praia do Paquetá podem ir muito além dos mitos que povoam as águas de mares, rios e lagoas. Inevitavelmente, qualquer trabalho que tenha como tema o universo dos seres humanos que vivem da pesca se traz em si de expectativas literárias, devido à proximidade com o caráter mítico e fanático que o ambiente, até mesmo pela própria tradição literária, suscita em expectadores distantes. “Quem nunca ouviu falar das histórias dos pescadores? Quantos causos, quantas histórias teriam esses personagens reais, mas não menos literários, para contar? O que temem, o que enfrentam? Em que águas navegam e mergulham para transformar em palavras suas realidades?” (FONSECA, 2005, p. 13).

Por outro lado, uma abordagem de caráter sociológico do cotidiano de trabalho e da própria sobrevivência de quem vive da pesca precisa deter-se em aspectos objetivos, partindo dos dados da realidade prática desses indivíduos.

Para identificar, em um universo de complexidade, a diversidade e a complementaridade de práticas produtivas no modelo capitalista, é necessária a construção de uma abordagem complexa que permita a percepção da coexistência, da tensão, do antagonismo, do conflito e a da complementaridade, entre vários tempos e lógicas econômicas (LOPES, 2011, p. 1).

7.3 A linguagem expográfica

A linguagem expográfica consiste na utilização de um conjunto de signos visuais empregados, segundo uma metodologia e princípios específicos, para traduzir e expressar a linguagem escrita, própria de uma pesquisa e seus elementos científicos. Trata-se de estabelecer uma espécie de diálogo, ou composição, entre a exposição visual ou sensorial e a exposição linguística dos elementos que compõem e abrangem os diversos aspectos envolvidos em um trabalho, seja uma tese, seja uma pesquisa ou um estudo.

Podem ser considerados recursos expográficos todos os artifícios imagéticos que possam ampliar a expressão do que se quer comunicar, bem como facilitar e reforçar o entendimento da pesquisa pelo público.

De acordo com Cury (2005) o ‘modelo temático’, assíduo em museus científicos e históricos, soluções interpretativas que estabelecem o objeto em sua conjuntura histórico-social. Para que a equipe envolvida faça operar um sistema de concepção e materialização, os modelos metodológicos para a produção de exposições são importantíssimos.

Propor um entendimento ampliado do conteúdo é também expressar-se de forma expandida, dessa forma, considera-se que, ao apresentar relatos visuais, acrescenta-se carga memorial à pesquisa. Nesse caso, a exposição fotográfica que será apresentada nas escolas busca suscitar, no leitor e no visitante, por meio das fotografias, reflexões que irão auxiliar na compreensão da mensagem.

7.4 A exposição itinerante “Cotidiano dos Pescadores da Praia do Paquetá”

Exposições itinerantes, como “Cotidiano dos Pescadores da Praia do Paquetá”, possuem tema de amplo interesse para um público diversificado. A exposição é o local de encontro e relacionamento entre o que o museu (neste caso, o pesquisador) quer apresentar e como deve apresentar, visando a um comportamento ativo do público e à sua síntese objetiva – ideia essa que revitaliza o ponto de vista da exposição “como meio e como transmissora de mensagens, entendendo a exposição como espaço de construção de valores” (CURY, 2005, p. 42).

De maneira amadorística, poder-se-ia dizer que a importância deste ensaio fotográfico, produzido através de um olhar pessoal do pesquisador sobre um universo distante do seu cotidiano profissional, como uma memória presente de tempos do passado – ou uma ressignificação de uma infância vivida na Praia do Paquetá – é, ao mesmo tempo, objetiva e subjetiva. A leitura da obra *A Câmara Clara*, de Roland Barthes, provocou reflexões e discussões que, por sua vez, suscitaram a ideia da exposição do ensaio fotográfico que retrata o cotidiano dos pescadores da Praia do Paquetá.

Uma foto pode ser objeto de três práticas (ou de três emoções, ou de três intenções): fazer, suportar e olhar. O *Operator* é o fotógrafo, o *Spectator* somos todos nós, que compulsamos coleções de fotos nos jornais, nos livros, nos álbuns e nos arquivos. O alvo ou referente é aquele ou aquela que é fotografado, espécie de pequeno simulacro chamando de *Spectrum* da fotografia, na medida em que esta palavra mantém, através da raiz, uma relação com o espetáculo (BARTHES, 1984).

A mostra, prevista para ocupar espaços escolares, constará de banners nos quais predominarão elementos visuais e simbólicos, que, reunidos, definirão o formato e a circulação da exposição, adaptando-se aos diferentes espaços nos quais será montada. Os textos informativos serão sucintos, divididos em pequenas narrativas das entrevistas orais dos pescadores, com estrofes do próprio autor remetendo para outros textos ou pontos da

exposição, de modo a criar “links” analógicos.

A exposição será inaugurada em junho de 2016 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rio de Janeiro. Com a etapa de itinerância, que sofrerá uma avaliação paralela, serão agregadas novas informações e experiências que poderão vir a redefinir a própria exposição.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o problema proposto, os pescadores entrevistados, neste trabalho fazem parte da comunidade tradicional local, que compõem o universo dos pescadores artesanais. Na relação entre cotidiano e memória, a vida cotidiana possui uma estrutura de repetição, que é difícil imaginar a vida humana em geral sem os ritmos habituais, sem as rotinas que constituem a esfera individual e a existência social Tedesco (2004). Os cotidianos destes pescadores são construídos pelos principais elementos como, o cotidiano da família e do trabalho, no qual está incluído, o estar juntos, fazer com arte, estilo de vida. A ideia central é que toda a ação humana, repousa sobre um conjunto de informações que são, em seu sentido amplo fornecidos pelos outros (SCHULTZ, 2004).

Assim compreende-se o **estar juntos**, como poderemos verificar nas suas relações familiares e nos modos como estabelecem um modelo de pescarem em grupos, ou entre familiares ou amigos. Além das regras claras, de como partilham os frutos das pescarias ou estabelecem regras de convivência nos usos dos espaços ao longo dos rios que compreendem o Delta do Jacuí. Quanto ao estar juntos dos pescadores da Praia do Paquetá, estabelecem-se nos modos como compartilham permanentemente as suas experiências familiares e suas experiências profissionais, estas duas experiências inter cruzam-se a todo momento no seu cotidiano, a vida de pescador. O espaço tem uma carga emotiva, faz parte da história de quem vive neste mesmo espaço (RIEPPER, 2006). No cotidiano se processa a esfera da proximidade, da vizinhança, do conhecimento e reconhecimento, da horizontalidade das relações afetivas, e através do vivido que os seres humanos interpretam a realidade.

O seu estar juntos nos relatos, expressa-se no cotidiano: como se dão as relações quando saem para pescar em grupos de familiares e amigos, tanto nos seus acampamentos, ou durante a sua mobilidade ao longo dos rios, como compartilham nestes mesmos acampamentos a divisão das tarefas para otimizar o próprio almoço coletivo ou nas pescarias propriamente ditas. Onde por exemplo, emendam entre si, dezenas de redes entre pescadores diferentes, e possuem regras bem claras, no fruto da coleta do fruto dessa pescaria, identificam a rede de cada um, e na rede de cada um, o peixe ali presente e do dono específico da rede. Ou quando em deslocamentos ao longo dos rios, reconhecem a cada barqueiro que por ali navega, ou se cumprimentam, buscando um socorro, uma 'caroninha' de seu 'caico' em um barco com motor. Por vezes pode ser um barco areeiro que passa por ali.

O **estilo de vida** que observa-se na expressão nestas duas relações, que estão associadas entre as experiências familiares e profissionais, como se integram mutuamente.

Nas experiências profissionais ou de trabalho, verifica-se que uma das características, de boa parte dos pescadores, é o exercício de outras atividades profissionais que garantam ao longo de suas vidas a sobrevivência. Muitos, por muito tempo, trabalharam nas chácaras que haviam na região, quando associavam com a vida de pescadores. Alguns são oriundos de outras atividades profissionais e houveram desistências pela opção de serem pescadores. Assim como, por problema de saúde no trabalho optou por ser pescador e atuar como técnico em eletrônica em momentos específicos, e vir morar no Paquetá. Ou ainda outro, dedicou-se exclusivamente a pescaria após aposentar-se e vir morar na Praia do Paquetá, aos cinquenta anos, e outro que vive como pescador e gesseiro, trabalhando em obras eventualmente. O casal de pescadores; ele trabalha como guarda de segurança, e a esposa por vezes como doméstica. Alguns são pescadores e trabalham com reciclagem ao longo dos rios, outros, na sua maioria vivem como pescadores e buscam diferentes fontes de renda, como locando os seus barcos aos visitantes, pescadores amadores, locando espaços aos veranistas que deixam os seus barcos, ou esposas têm pequenos comércios no local. Um caso, vive da pescaria e colher capim ao longo das ilhas, para a venda semanal, além de locar espaço para barcos e locar barcos para veranistas. Por certo, só da pescaria não conseguem viver nos tempos atuais.

O **fazer com arte** estabelece-se na integralidade da vida cotidiana, a arte de pescar domina e repete-se integralmente em seu modo de vida e ao longo de um dia em ser pescador. Pescar é uma rotina que se expressa repetidamente e integralmente no seu modo de viver. Sem dúvida, a vida de pescador é vivida na integralidade do seu tempo e espaço, inclusive no seu momento de descanso, o ato de pescar uma possibilidade, pois esta deriva-se de uma atitude menos intensiva na responsabilidade na quantidade de pescado a ser obtido.

Constata-se que o ato de pescar é uma contingência permanente em seu estilo de vida em ser pescador. As formas de socialização dos contatos sociais caracterizam-se por meios particulares de orientações recíprocas, segundo as quais os indivíduos estabelecem uma ligação social, a memória pode ser um elemento mediador dessa ligação social dos grupos (TEDESCO, 2004). Como dito nas narrativas: "*Está nervoso vai pescar*"; ou "*quando não pesco, adoço, é um vício*." A vida de pescador artesanal é a vida de quem, ao longo da sua vida cotidiana exerce uma multiplicidade de tarefas profissionais para garantir a sua sobrevivência e de seus familiares, apesar das dificuldades financeiras que este universo impõe. O fato de serem pescadores e um elemento por óbvio estruturante, se identificam e se reconhecem entre si em sua identidade.

Verificou-se que a noção de memória familiar na vida desta comunidade, vida profissional, representam uma memorização tangível da história doméstica, é na vida cotidiana que se ancora a memória familiar dessa população, Candau (2014).

Arrisca-se a dizer, que este é o sentido e o desejo de suas vidas, mas sim um querer viver, há nesse estilo de vida, faz do trágico uma força que a maneira do estoico, não pretende agir sobre a qual não tem domínio, fazendo agir sua criação sobre aquilo que está ao alcance da mão, sobre o cotidiano, o doméstico, o próximo, todas as coisas das quais se pode fazer da existência uma verdadeira obra de arte (MAFFESOLI, 1995). Muitos dos atuais casais de pescadores se conheceram e decidiram viver juntos na Praia do Paquetá. Aliaram e construíram um estilo de vida na beira do rio, e compartilharam com suas famílias um jeito de ganhar a vida, através da pesca artesanal. A comunidade afetiva que nos descreve Halbwachs e os laços familiares para Candau. A lógica de melhorar a vida é muito comum aos pescadores e para os seus familiares, é uma satisfação compartilhada entre estes, por exemplo, quando conseguem adquirir um barco com motor ou junto, ter dormitório para que seus filhos possam acompanhá-los com mais segurança e algum conforto. Este item é fundamental diante das adversidades naturais das pescarias ao longo dos rios, as chuvas, as tempestades, a umidade e o frio é uma constante em seu ofício. Ao mesmo tempo muitos deles remavam ao longo de sua mobilidade um esforço físico extremo, logo ter um barco a motor proporciona mais qualidade de vida.

Assim, compreende-se o estar juntos, como se verificou nas relações familiares e nos modos como estabelecem um modelo de pescaria em grupos, ou entre familiares ou amigos. Além das regras claras, de como partilham os frutos das pescarias ou estabelecem regras de convivência nos usos dos espaços ao longo dos rios que compreendem o Delta do Jacuí. Quanto ao estar juntos dos pescadores da Praia do Paquetá, estabelecem-se nos modos como compartilham permanentemente as suas experiências familiares e suas experiências profissionais, estas duas experiências se inter cruzam a todo o momento no seu cotidiano, a vida de pescador. O espaço tem uma carga emotiva, faz parte da história de quem nela. No cotidiano se processa a esfera da proximidade, da vizinhança, do conhecimento e reconhecimento, da horizontalidade das relações afetivas, e através do vivido que os seres humanos interpretam a realidade. Como afirma Tedesco (2005), nesta relação de memória da comunidade afetiva e o cotidiano, o cotidiano – assim como a tradição e, por sua vez, a memória – possui uma estrutura organizativa alicerçada na repetição, nos sistemas simbólicos, nas representações sociais. O senso comum constitui o amálgama das práticas cotidianas,

propiciam às tipificações, os pré-juízos, as noções de experiência e pertencimento, entretanto, não forma o todo da vida cotidiana

No entanto, os laços familiares que os integram no seu cotidiano de pescadores, os fortalecem em estar juntos, no seu estilo de vida e de fazerem com arte no seu desejo comum e quase lúdico de continuarem a serem pescadores e exercerem este ofício, apesar de todos os condicionamentos econômicos ou os da natureza.

Retornando às deambulações poéticas, a partir das memórias de infância:

Na antevéspera das idas para o Paquetá,
As noites eram de sonhos perdidos,
De ansiedades infantis,
De uma inquietação,
Que impedia aqueles meninos,
De dormir com o devido valor,
A alma se impregnava de territórios inimagináveis,
De aventuras febris,
No leito inquieto,
Viajava-se nas distancias do outro dia,
Como se esperava, a velocidade do próximo amanhecer,
Pois era o dia de banhar-se e divertir-se nas águas do Paquetá [...] (RITTER, 2016).

Estive com os pescadores da Praia do Paquetá durante 24 meses, o tempo do mestrado, acompanhando-os em suas atividades, nas entrevistas, e este trecho de um poema nascido de memórias de minha infância de convívio na Praia do Paquetá, trazidos à cena e descritos após quase 42 anos, nasceram de lembranças significantes na vida adulta, como “Fios de memórias” que se religaram a um lugar de tempos distintos. Neste poema, com as experiências de vida, não haviam a presença dos pescadores, e estes tornaram-se sujeitos que já viviam e ali ainda vivem, a comunidade de pescadores artesanais. Esta invisibilidade desafiou-me a realizar este trabalho, conforme visto ao longo da pesquisa delimitou os objetivos para compreender a vida cotidiana dos pescadores; descrever como expressam o estar junto, o estilo de vida e o viver com arte, a partir de suas memórias e contribuir para reflexões e produção de saberes sobre os pescadores da Praia do Paquetá. Todos estes foi possível atingi-los, foi possível compreender a sua realidade através de suas memórias precisas, em atravessar ou navegar no tempo. Apareceram com força na minha memória atual e da minha vida adulta, como um fio de memória se integra ao meu presente e eu ao deles.

Neste processo que nos diz Candau (2014), a memória, ao mesmo tempo em que nos modela também por nós é modelada, hiato de surpresa pela descoberta da presença dos pescadores, é fundamentalmente de uma surpresa de ausência destes sujeitos que vivem do ofício da pesca, e deste estudo do seu cotidiano de vida renasceu o desejo de compreender o

seu cotidiano de vida pela sua sobrevivência no seu trabalho.

Assim, compreendeu-se a sua existência por seus laços familiares que os integram permanentemente no cotidiano do seu trabalho, demonstrando que possuem um estilo de vida, um fazer com arte e um desejo permanente em serem pescadores e a exercerem este ofício no seu cotidiano de vida.

Desta forma encerro esta etapa da pesquisa, através do trecho de outra poesia, intitulada como Pescadores do nosso tempo, escrita ao longo desta jornada de convívio entre estes pescadores artesanais da Praia do Paquetá:

Pescadores do nosso Tempo

Costuro estas palavras,
 Como um sujeito,
 De um agir,
 De um outro tempo!
 De ritmos bem menos velozes,
 Tempos,
 Onde o clima,
 E o tempo das estações,
 Regulavam,
 Em sintonia,
 O agir do humano!
 Talvez certos ofícios,
 Neste tempo presente,
 Possam acompanhar,
 Tal empreendimento,
 Em fina simetria!
 Os pescadores artesanais,
 Dos rios em um mundo urbano,
 Em pleno século XXI,
 Como artesãos de outros tempos,
 Exercer este ofício laboral,
 Em nosso tempo no presente!
 Vivenciar os rios e os seus deslocamentos e viagens,
 Assim como os cardumes de peixes,
 Assim como os pescadores,
 Neste nosso tempo atual,
 Ambos busquem,
 A safra de seus alimentos,
 Que fazem o sentido de ambas as vidas,
 A vida dos peixes e rios,
 A vida dos pescadores,
 Na identidade mútua desta integração! (RITTER, 2016).

REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, S. Interesse global no saber local: a geopolítica da biodiversidade. In: MOREIRA, E.; BELAS, C.A.; BARROS, B. (Orgs.). **Seminário Saber Local/Interesse Global: Propriedade Intelectual, Biodiversidade e Conhecimento Tradicional na Amazônia**, Belém, 2005. Anais... Belém: CESUPA, MPEG, 2005. p. 17-27.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ANDRADE, Claudio Roberto Bernardes. **Um empreendimento de memória social: lembranças de funcionários e ex-funcionários sobre a TV Bandeirantes RS**. Trabalho Final do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais. Centro Universitário La Salle – UNILASALLE, Canoas/RS.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Sistema LEGIS. **Decreto nº 44.516**, de 29 de junho de 2006. Regulamenta a lei nº 12.371, de 11 de novembro de 2005, que cria a Área de Proteção Ambiental APA - Estadual Delta do Jacuí e o Parque Estadual Delta do Jacuí, e dá outras providências. Disponível em: http://www.al.rs.gov.br/Legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=49819&hTexto=&Hid_IDNorma=49819. Acesso em: 20 abr. 2015.
- BARRETO, Virgínia Queiroz. **Viver do barro: trabalho e cotidiano de oleiros de Maragogipinho (1960-1990)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – PUC-SP, São Paulo, SP, 2000.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BATISTA, S. S. M. Cultura ribeirinha: a vida cotidiana na Ilha do Combú/ Pará. **V Jornada Internacional de Políticas Públicas**. Universidade Federal do Ceará. 2011.
- BEGOSSI, A. Fishing Actives and Strategies at Búgios Island (Brazil). IN: **Fisheries Resource Utilization and Policy**. A-thens,Greace. 1992.
- BELEI, RA; GIMENIZ-PASCHOAL, SR; NASCIMENTO; EM; MATSUMOTO; PHVR. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas [30]: 187 - 199, janeiro/junho 2008.
- BLUME, Luiz Henrique dos Santos. **“Viver de tudo que tem na maré”**: tradições, memórias de trabalho e vivências de marisqueiras em Ilhéus, BA, 1960-2008. Tese (Doutorado em História) – PUC-SP, São Paulo, 2011.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.
- CALDAS, Fabíola Lins. **A Memória Construída: Comunidade de Destino, Colônia e Rede**. Primeira versão ano II, nº123 - novembro - Porto Velho, 2003 volume VIII.
- CALLOU, A.B.F. Estratégia de comunicação para o desenvolvimento da pesca artesanal no

Brasil: a experiência militar no século XX. In: **Extensão rural, extensão pesqueira: experiências cruzadas**. Org. Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão. Recife: FASA, 2008.

CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n1. Jan/jul.2009.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDAU, Joel. **Memórias e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. 1. ed., 2ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CANOAS. **Relatório Socioeconômico**. Disponível em: <http://www.canoas.rs.gov.br/>. Acesso em: 25 jun. 2015.

CASADEI, Eliza Bachega; HALBWACHS, Maurice; Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva. **Revista Espaço Acadêmico**. N 108. Maio de 2010.

CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. **Pescadores da modernagem: cultura, trabalho e memória em Tairu, BA (1960-1990)**. São Paulo: Annablume, 2007.

CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. Pescadores da modernagem: experiências e trajetórias nos diversos tempos da vida de Tairu-Itaparica (1960-1990). **História Oral**, v. 16, n. 2, p. 27-53, jul./dez. 2013.

CERVO, Amado L. et al. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Significados múltiplos das águas. In: DIEGUES, Antônio Carlos (Org.) **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec, 2000.

CURY, Marília Xavier. **Exposição, concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DA SILVA, Claudinei Fernandes Paulino. A Teoria da Memória Coletiva de Maurice Halbwachs em Diálogo com Dostoiévski: Uma Análise Sociológica Religiosa a partir da Literatura. **Revista Theos** – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas. Campinas: 6. ed., V.5 - Nº 2 – Dezembro de 2009. Disponível em: http://www.revistatheos.com.br/Artigos/Artigo_06_2_01.pdf. Acesso em: 05 fev. 2016.

DA SILVA, Vera Lucia; LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. **A regulação jurídica da pesca artesanal no Brasil e o problema do reconhecimento do trabalho profissional das pescadoras**. (2012). Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/230/103>. Acesso em: 23 mar. 2015.

DE PAULA, Cristiano Quaresma. **Gestão compartilhada dos territórios da pesca artesanal: Fórum Delta do Jacuí (RS)**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação

em Geografia. Instituto de Geociências. UFRGS, 2013.

DIEGUES, A.C.S. **A Pesca Artesanal no Litoral Brasileiro: Cenários e Estratégias para sua Sobrevivência.** Instituto Oceanográfico. Cidade Universitária. São Paulo, 1988.

DIEGUES, A.C.S. O Movimento Social dos Pescadores Artesanais Brasileiros. CEMAR: Centro de Culturas Marítimas. **Série Documentos e Relatórios de Pesquisa**, nº. 8. Universidade de São Paulo. São Paulo/SP, 1993.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil: uma síntese histórica.** Centro de Culturas Marítimas. Universidade de São Paulo. CEMAR/NUPAUB. São Paulo, 1999.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'ana. **A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira.** Núcleo de apoio à pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras /USP. São Paulo- SP, 2004.

ELLIS, Miriam. **A baleia no Brasil colonial.** São Paulo: Edusp, 1968.

EMBRAPA. Pesca artesanal brasileira. Aspectos conceituais, históricos, institucionais e prospectivos. **Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento.** Embrapa Pesca e Aquicultura Palmas, TO 2014.

FACHINELLO, Alexsandra. **O patrimônio ambiental em canoas, Rio Grande do Sul: avaliação da conservação e recomendações de uso de áreas naturais remanescentes.** Dissertação de mestrado. Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, 2012.

FONSECA, Ana Claudia Mafra Da. **História de pescador: as culturas populares nas redes das narrativas.** Tese de doutorado. João Pessoa: ciências Humanas, Letras e Artes/Curso de Pós-graduação - UFPB, 2005.

GRAEBIN, C. M. G.; PENNA. R. S. Contar vida, pensar a história Experiências na utilização das fontes na História. **História e Ensino**, Londrina, v, 12, p, 83- 100, ago, 2006.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Sinopse do Censo Demográfico 2010.** Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A2E7311D1013003524D7B79E4/IBGECENSO2010sinopse.pdf>>.

Acesso em: 18 abr. 2015.

IVO, Anete Brito Leal. **Pesca: tradição e dependência.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFBA, Salvador, BA, 1975.

LANGESDORF, G. “Anotações de uma viagem em torno da terra (1803-1807)”, Ilha de Santa Catarina: relato de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, Florianópolis, Editora Lunardeli/Universidade Federal de Santa Catarina, 157-184. In: Diegues. **A Sócio-Antropologia das Comunidades**, 1996.

LEIS MUNICIPAIS – Rio Grande do Sul – Canoas. **Lei nº 5882**, de 24 de novembro de 2014. Denomina a Praia do Paquetá e dá Outras Providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/c/canoas/lei-ordinaria/2014/589/5882/lei-ordinaria-n-5882-2014-denomina-a-praia-do-paqueta-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 02 abr. 2015.

LEMOS, 2015. Vilma Lemos **Memórias e identidades em narrativas orais de mulheres domésticas negras** Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS v. 16, n. 30 (55-74) jan-abr 2015.

LOPES, João Luiz da Silva. **As (Im)Possibilidades de Sustentabilidade do Modo de Vida Ribeirinho**: Estudo sobre um Grupo Social na Área Insular do Município de Belém-Pa. Latitude, vol. 5, nº2, pp.75-109, 2011. Disponível em: www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/download/1011/689. Acesso em: 04 abr. 2015.

MACHADO, J.N. **Educação**: Projetos e valores. Coleção Ensaios Transversais. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **A Contemplação do Mundo**. Ed. Artes e Ofícios. Porto Alegre-RS. 1995.

MAFFESOLI, Michel, **Elogio da razão sensível**. Editora Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel, **O Tempo das Tribos** - o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 5. ed. Editora: Forense Universitari, 2014.

MAGNANI, J. G. C. Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSOS, R. **Aventura antropológica**: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. P.127-140

MALDONADO, Simone C. **Pescadores do Mar**. São Paulo. Editora Ática. 1986.

MALDONADO, S. C. **Mestres e mares**: Espaços e indivisão na pesca marítima. São Paulo: Annablume, 2. ed. 1994.

MANESCHY, Maria Cristina. **Ajuruteua, uma comunidade pesqueira ameaçada**. Belém: EDUFPA, 1995.

MARACY Pereira Memória, Imaginário E Desenvolvimento Regional Nas Histórias de Pescadores Ribeirinhos de Ilha das Flores, Sergipe, Brasil. **IV Fórum Identidades e Alteridades: Educação e Relações Etnicorraciais**. UFS–Itabaiana /SE, Brasil 2010.

MARTINS, C. A. A. No Trabalho dos Pescadores Artesanais a Lagoa dos Patos Vive e dá Vida. In: **Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales**, Universidad de Barcelona. Vol. VI, núm. 119 (47), 2002.

MARTINS J., BICUDO M.A. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 1989.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. Loyola, São Paulo, 1996.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral**. Editora Contexto. São Paulo- SP, 2011.

MORIN, Edgar. **O método: o conhecimento do conhecimento**. São Paulo. Editora Europa-América. 1986.

NETO, Alvim Antônio de Oliveira. **Metodologia da Pesquisa Científica, guia prático para a apresentação de trabalhos acadêmicos**. 2. ed., Visual Books Editora Ltda., Florianópolis, 2006.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História, n.10, São Paulo: EDUSC, 1993.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cartografia sertaneja: as representações das práticas espaciais vividas, percebidas e imaginadas em campo geral. **Agrária**, São Paulo, nº 6, pp. 2-30, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/agraria/article/viewFile/114/114>. Acesso em: 20 abr. 2015.

PEREIRA, Wellington. A comunicação e a cultura no cotidiano. **Revista FAMECOS**. PUC/RS, Porto Alegre. nº. 32. Abril de 2007.

PIEVE, Stella Maris Nunes. **Dinâmica do conhecimento local, etnecologia da resiliência dos pescadores artesanais da Lagoa Mirim-RS**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre, 2009.

PORTAL DE LEGISLAÇÃO E JURISPRUDENCIA. CAGE – Controladoria Geral do Estado. **Lei nº 12.371**, de 11 de novembro de 2005. Disponível em: <http://www.legislacao.sefaz.rs.gov.br/site/document.aspx?inpkey=107942&inpcoddispositive=&inpdskeywords=>. Acesso em: 20 abr. 2015.

RAMALHO, Cristiano Wellington Norberto. **A arte de fazer-se pescador artesanal**. São Paulo: Polis Campinas, SP. UNICAMP, 2006.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. Sentimento de corporação, cultura do trabalho e conhecimento patrimonial pesqueiro: expressões socioculturais da pesca artesanal. **Revista De Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 43, n. 1, jan/jun, 2012, p. 8 – 27.

RAMIRES, Milena; Barrella, WALTER; Esteves, Andréia M. Caracterização da pesca artesanal e o conhecimento pesqueiro local no Vale do Ribeira e litoral sul de São Paulo. Universidade Santa Cecília. **Revista Ceciliana**, Jun 4(1): 37-43, 2012.

RIEPEER, Ana. **Cotidiano e Paisagem** – uma abordagem cultural. 2006. Disponível em: <http://www.canoadetolda.org.br/memoriasbsf>. Acesso em: 22 abr. 2015.

RITTER, Paulo. **Uma Pipa de Breve Sentimento**. Capa e ilustrações: Emerson Wiskow. Revisão Heloisa Carneiro e Mariela Carneiro. Impressão Gráfica Benvenuti, 2016.

ROJAS, J. E. A. O indivisível e o divisível na história oral. In: c Martinelli, M. L. **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, p.87-94. 1999.

ROQUETTE-PINTO, E. **Relatório de excursão ao litoral e à região das lagoas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1962.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 1996.

SCHRAIBER, L. B. Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativas em estudo sobre a profissão médica. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 63-74, 1995.

SILVA, Luiz Geraldo (Coord.). **Os pescadores na história do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1987.

SILVA, Luiz Geraldo. **A faina, a festa e o rito: uma etnografia histórica sobre as gentes do mar (sécs. XVII ao XIX)**. Campinas: Papirus, 2001.

SILVA, Fernando Teixeira da. **Operários sem patrões: os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, C. N. **Territorialidades e modo de vida de pescadores do rio Itaquara, Breves-PA**. Dissertação de Mestrado em Geografia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. 2006.

SILVA, Marli Apell da; GUARESCHI, Pedrinho Alcides; Wendt, Guilherme Welter. Existe um sujeito em Michel Maffesoli. **Revista de Psicologia da USP**, SP. p .439-455; ab/jun/2010.

SILVA, Lucas Antonio da. **Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio. Etnoarqueologia da pesca**. Um estudo sobre as áreas de atividade e práticas de pesca dos pescadores da Barra do João Pedro, RS. VIII nº15/16. Pelotas, RS: Editora da UFPEL, 2011.

SCHUTZ, A. Fenomenologia del mundo social. Buenos Aires: Paidós, 1972. In _____ Tedesco, João Carlos, **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração** 2. ed. Passo Fundo. Ed. Universidade Passo Fundo, 2014.

STEVENSON, M. G. Indigenous knowledge in environmental assessment. **Arctic**, v. 49, n.3, p.278-291, 1996.

SZYMANSKI, H. (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro, 2004.

TEDESCO, João Carlos (Org.). **Usos de memórias**. Passo Fundo, RS: Ed. da UPF, 2002.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo/Caxias: UPF/EDUCS, 2004.

TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do cotidiano, introdução à constituição de um campo de análise social**. Santa Cruz: EDUNISC: UPF, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **A pesquisa e a produção de conhecimentos**. Departamento de Educação do Instituto de Biociências da UNESP-Botucatu, 2003. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/195/3/01d10a03.pdf>. Acesso em: 27 mai. de 2016,

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ZARUR, George de Cerqueira Leite. **Os pescadores do Golfo**: antropologia econômica de uma comunidade norte-americana. Rio de Janeiro: Achiane, 1984.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O presente termo tem por objetivo autorizar a sua participação na pesquisa, “O Cotidiano dos pescadores da Praia do Paquetá– Canoas/RS”, que será desenvolvida, entre outros, por meio da aplicação de entrevistas junto aos moradores da Praia do Paquetá (doravante, para efeitos desse termo, chamado de colaborador). As entrevistas serão realizadas em local a ser indicado pelo colaborador. Estas informações estão sendo fornecidas na forma de participação voluntária que visa realizar um estudo a respeito do grupo de pescadores da Praia do Paquetá. Esta pesquisa está sobre a coordenação da Professora Dr.^a Cleusa Maria Gomes Graebin do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle de Canoas, com a execução do mesmo pelo mestrando Paulo Roberto Ritter.

Em qualquer etapa do estudo, o colaborador terá acesso aos investigadores para esclarecimento de eventuais dúvidas. Contato: Paulo Roberto Ritter, telefone (51) 98765863, endereço eletrônico: pauloritter@yahoo.com Cleusa Maria Gomes Graebin, telefone: (51) 3476-8708, endereço eletrônico: prcleusa@unilasalle.edu.br.

É garantida ao colaborador da pesquisa a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento, bem como a garantia, caso seja do seu interesse, do sigilo dos seus dados de identificação de forma que se assegure a sua privacidade e o seu anonimato. Fica assegurado, também, o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados sejam conseguidos pelo pesquisador.

As entrevistas no formato áudio e ou vídeo, bem como sua transcrição serão armazenadas em suporte digital e farão parte de Banco de Dados sob a responsabilidade do Programa de Pós Graduação do Unilasalle, podendo ser acessado para novas pesquisas e análises.

As informações concedidas serão utilizadas para a pesquisa em questão, apresentadas em texto de e-book (livro em formato digital) sobre os Pescadores da Praia do Paquetá e sob a forma de trabalhos científicos.

Não há despesas pessoais para o colaborador em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelos Coordenadores da pesquisa. O local da realização da entrevista será onde o colaborador desejar.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será emitido em duas vias: uma delas a ser retida pelo colaborador da pesquisa e outra a ser arquivada pelo pesquisador.

Pelo presente documento, eu, _____,
brasileiro (a), Carteira de Identidade: _____, CPF: _____,
Endereço: _____,

depois de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, através do presente termo, declaro ceder ao Centro Universitário La Salle, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Centro Universitário La Salle, na cidade Canoas, num total de ____ horas gravadas perante apesquisador Paulo Roberto Ritter.

O Centro Universitário La Salle fica, conseqüentemente, autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo as normas do Centro Universitário La Salle, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Colaborador

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – IMAGENS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – IMAGENS

O presente termo tem por objetivo autorizar a sua participação na pesquisa, “O Cotidiano dos pescadores da Praia do Paquetá– Canoas/RS”, que será desenvolvida, entre outros, por meio de utilização de imagens fotográficas de seu acervo pessoal e ou registro fotográfico de sua imagem.

Esta pesquisa está sobre a coordenação da Professora Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle de Canoas, com a execução da mesma pelo mestrando Paulo Roberto Ritter.

Em qualquer etapa do estudo, o colaborador terá acesso aos investigadores para esclarecimento de eventuais dúvidas. Contato: Paulo Roberto Ritter, telefone (51) 98765863, endereço eletrônico: pauloritter@yahoo.com e Cleusa Maria Gomes Graebin, telefone: (51) 3476-8708, endereço eletrônico: prcleusa@unilasalle.edu.br.

É garantida ao colaborador da pesquisa a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento. Fica assegurado, também, o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados sejam conseguidos pelos pesquisadores.

As imagens serão armazenadas em suporte digital e farão parte de Banco de Dados sob a responsabilidade do Programa de Pós Graduação do Unilasalle, podendo ser acessadas para novas pesquisas e análises. As imagens concedidas serão utilizadas para a pesquisa em questão, apresentadas em texto de e-book (livro digital) sobre os pescadores do Paquetá e sob a forma de trabalhos científicos e ou culturais.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelos Coordenadores da pesquisa. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será emitido em duas vias: uma delas a ser retida pelo colaborador da pesquisa e outra a ser arquivada pelo pesquisador.

Pelo presente documento, eu, _____, brasileiro (a), Carteira de Identidade: _____, CPF: _____, Endereço: _____, depois de conhecer e entender os objetivos, AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores do projeto de pesquisa intitulado , “O Cotidiano dos pescadores da Praia do

Paquetá– Canoas/RS”, a utilizar, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, fotografias de meu acervo pessoal num total de ____ imagens, discriminadas em documento anexo.

Autorizo-os, também, a captar a minha imagem em fotografias quando for julgado necessário e em conformidade com as finalidades da pesquisa.

Declaro, também, ceder ao Centro Universitário La Salle a plena propriedade das imagens de meu acervo pessoal e ou direitos de imagem associadas às fotografias realizadas durante a pesquisa, na cidade de Canoas, o qual fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, as mencionadas imagens bem como permitir a terceiros o acesso às mesmas para fins idênticos, segundo as normas do Centro Universitário La Salle, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Colaborador